



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Humor e morte no Twitter: Análise da narrativa do perfil @RealMorte na rede social

Mariane Gonçalves Rodrigues – 08/36591

Professor Orientador: Luiz Gonzaga Figueiredo Motta

**Brasília-DF
2011**

Mariane Gonçalves Rodrigues

Humor e morte no Twitter: Análise da narrativa do perfil @RealMorte na rede social

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo

Orientador: Luiz Gonzaga Figueiredo Motta

Brasília
2011

Mariane Gonçalves Rodrigues

Humor e morte no Twitter: Análise da narrativa do perfil @RealMorte na rede social

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Banca examinadora

Professor-orientador: Dr. Luiz Gonzaga Figueiredo Motta

Professor Dr. Paulo Paniago

Professor: Dr. Gustavo de Castro

Suplente: Professora Dr. Célia Ladeira Mota

Às minhas avós, Juracy (*in memorian*) e Dinoméia (*in memorian*).

Agradecimentos

Precisei de muitas pessoas ao meu lado para conseguir chegar a este patamar. A apresentação deste trabalho é um ponto de inflexão no enredo de minha vida. Sem o amor e apoio de meus pais (Madalena e Jeovacy), primeiramente, essa trajetória seria impossível. É com muita satisfação que chego até aqui e mostro a eles minha gratidão. Meu avô (Jeová), meus tios e a torcida dos outros amados familiares também foram indispensáveis. Eles participaram do processo educacional mais importante, qual seja o de me ensinar sobre os melhores caminhos a seguir na vida.

Não poderia ter estado melhor em Brasília, não fosse minha tia (Jussara) e minha prima (Lorena), que me acolheram com imenso carinho. Foram, definitivamente, meu suporte na cidade.

Agradeço, ainda, à Natália por me acompanhar há sete anos. É a irmã que eu escolhi. Aos meninos que moraram comigo, também guerreiros desta batalha, desejo muita sorte e sabedoria para alcançarem seus objetivos. A eles, meu obrigada pela companhia e por terem dividido, diariamente, risos, estresses e experiências comigo.

Flavinha, professor Paniago, professor Gustavo e professora Dione: os livros que me indicaram e me emprestaram enriqueceram demais o trabalho e minhas ideias. São inestimáveis os valores dos gestos de solidariedade e amizade que tiveram comigo.

Por fim, agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida escolar e acadêmica, destacando entre eles o meu orientador, professor Motta. Saí de cada reunião com mais fôlego. Sou grata, antes de tudo, pelo convite para transformar o artigo (trabalho final da disciplina de Narratologia) em monografia. Estudei e escrevi este texto com um sorriso largo no rosto, com a sensação de estar amparada pelo grande mestre que ele é e com a certeza de que encontrei uma área de conhecimento que me fascina.

Obrigada a todos que foram personagens importantíssimos de mais essa etapa da minha vida!

“Engraçado, costumam dizer que tenho sorte. Só eu sei que quanto mais eu me preparo, mais sorte eu tenho.” (Anthony Robbins)

Resumo

O trabalho analisa um fenômeno inerente à arte: a sua reinvenção e adaptação. No caso da arte literária, mais especificamente da narrativa, percebe-se que ela colonizou novos espaços para se desenvolver. O ambiente da internet se destaca na sociedade contemporânea, mutável e heterogênea, parecendo o meio apropriado para abraçar a audácia dos autores. O Twitter, apenas uma das diversas redes sociais, é usado para fins pessoais, comerciais e também, artísticos. Na plataforma, humoristas amadores e profissionais, como o responsável pelo perfil da @RealMorte, que será analisado, aproveitam o espaço virtual para mostrarem seu trabalho. O publicitário paulistano que criou a Morte twitteira constrói uma narrativa sólida sob moldura diferente, com todos os elementos tradicionais do gênero, como personagem, narrador, cenário e tempo. O enredo traçado pela personagem merece, além da discussão narratológica, técnica, uma reflexão antropológica, já que traz um olhar peculiar sobre o fenômeno que encerra o ciclo vital.

Palavras-chave: Narrativa; Twitter; Pós-modernismo; Humor; Morte; Tabus

Abstract

The paper analyzes a phenomenon inherent in art: the reinvention and adaptation. In the case of literary art, more specifically the story, we can realize that it gained a lot of new spaces to develop itself. The ambit of the Internet stands out in contemporary society, changeable and heterogeneous, and it seems to be the appropriate vehicle to embrace the audacity of the authors. Twitter, only one of several social networks, is used for personal, commercial and also artistic matters. On the platform, amateur and professional comedians, such as the runner of the profile @RealMorte, which will be analyzed, take advantage of the virtual space to showcase their work. Sao Paulo's publicist that created the profile talking about the death builds a solid narrative under different frame, with all the traditional elements of the genre such as character, narrator, setting and time. The plot outlined by the character deserves, including discussions of narratology, technic, an anthropological reflection, since it has a peculiar look on the phenomenon that ends the life cycle.

Key-Words: Narrative; Twitter; Postmodernism; Humor; Death; Taboos

Lista de Figuras

Gráfico 1 - Evolução do número de seguidores do perfil @RealMorte.....25

Sumário

1. Apresentação.....	10
1.1 Escolha do tema.....	10
1.2 Objeto e Objetivo.....	10
1.3 Justificativa.....	10
1.4 Estrutura do Trabalho.....	13
1.5 Esclarecimentos.....	14
2. Metodologia.....	16
3. Referencial Teórico.....	19
4. A plataforma do Twitter.....	21
4.1 Interação.....	23
4.2 O Twitter no Brasil.....	24
4.3 Twitter e Humor.....	25
5. A personagem.....	27
5.1 Outras facetas da caveirinha.....	34
5.1.1 <i>Promoter eDJ</i>	34
5.1.2 Atriz.....	35
6. Interação com os seguidores.....	37
6.1 O processo de comunicação.....	38
7. Alicerce Narrativo.....	44
7.1 Os elementos da narrativa.....	45
7.1.1 Personagens.....	45
7.1.2 Cenários.....	47
7.1.3 Narrador e Foco Narrativo.....	48
7.1.4 Tempo.....	50
7.1.5 Enredo.....	51
7.2 Outros elementos.....	56
8. As referências do pai da @RealMorte.....	58
8.1 Morte e Cultura.....	60
8.2 Outras obras.....	67
8.3 “Sobre una tumba una rumba”: O dia de Finados para os mexicanos.....	69
9. Considerações Finais.....	72
Referências Bibliográficas.....	76
Anexos.....	79

A- Background do perfil @RealMorte no Twitter.....	79
B- Alguns perfis que a Morte segue.....	79
C- Página da Morte.....	80
D- Flyer da festa de aniversário da Morte, postado no Twitpic.....	80
E- Camiseta da campanha “Terra 2012”.....	80
F- Charge sobre a morte do povo Paul.....	81
G- Morte é “flagrada” em local de trabalho.....	82
H- Campanha publicitária da qual teria participado.....	82
I- Montagem em referência ao período de ocupação de morros no Rio de Janeiro, no final de 2011.....	83
J- Morte à espera de Zé Alencar no Hospital SírioLibanês.....	83
K- Morte e os paparazzi.....	84
L- Cemitério Santana, de Goiânia-GO.....	84
M- Tragédia no Japão.....	84
N- Nassif comenta sobre a Morte.....	85
O- Altar da Festa do Dia dos Mortos no México.....	86
P- La Catrina: Obra do artista mexicano José Guadalupe Posada.....	87
Q- Don Quijote: Obra de José de Guadalupe Posada.....	88
R- Charge sobre tragédia no Japão.....	88
S- Morte leva Getúlio Vargas.....	89
T- A noiva cadáver.....	90
U- Blog “Diário da Foice”.....	90

1. Apresentação

1.1 Escolha do tema

O interesse da autora pelo tema aflorou em meados do semestre passado, em setembro de 2010. Ao se matricular em na disciplina “Narratologia”, ministrada em conjunto pelos professores Luiz Gonzaga Motta, Célia Ladeira e Jandyrá Cunha, na Faculdade de Comunicação, os alunos – entre eles, graduandos e pós-graduandos – tiveram de fazer um artigo como trabalho final. A proposta era que analisassem sob óptica da narratologia algum produto cultural. Eis aqui o desdobramento da tarefa, transformada em monografia, após sugestão do orientador, que foi cultivado pelo entusiasmo da aluna ao escolher um perfil do Twitter para estudar.

1.1 Objeto e Objetivo

O objeto de estudo é o perfil @RealMorte do Twitter. O objetivo deste trabalho é compreender como funciona a narrativa pós-moderna, ambientada em rede social na internet. Além do mais, cabe destrinchar o discurso humorístico da narradora, a personagem dona do perfil, e refletir sobre a importância do discurso dela.

1.2 Justificativa

"Se um homem não compreende as brincadeiras — adeus! E sabem, não pode ser realmente inteligente, mesmo que seja um poço de sabedoria" (Tchékhov apud Vladimir Propp, 1992, p.190)

Com rapidez e muita criatividade, pessoas de todas as idades, profissões e interesses em estar nas redes sociais se comunicam. A troca de comentários, opiniões e, sobretudo, informações por meio dessa plataforma é bastante recente e relevante para os teóricos da Comunicação. O Twitter foi criado sob holofote do pós-modernismo, que, de acordo com Jair Ferreira dos Santos, nasce com a arquitetura e com a computação nos anos 50. A corrente se dissemina na década seguinte e, já nos anos 70, embrenha-se na filosofia e faz crítica à cultura ocidental. Para o autor, foi na arte que o pós-modernismo começou a correr o mundo. O ambiente da internet e os meios de comunicação tornaram-se perfeitos para que se criasse uma visão de mundo diferente

(SANTOS, 1997, p.8-13). A arte se apropriou da internet para se remodelar e o autor do perfil @RealMorte é um dos humoristas profissionais que tem seus trabalhos mais conhecidos graças à rede. Cabe aos acadêmicos de Comunicação observar fatos como esse com olhar engendrado.

Interessa-nos como as características do meio digital e o discurso do narrador estabelecem comunicação com o leitor. Para isso, a análise do perfil @RealMorte destacará a protagonista, dona do perfil, que também é narradora de sua própria trajetória. Neste ponto, serão levantados os elementos da estrutura narrativa já consagrados, mostrando o que está presente ou o que há de novo no objeto de estudo. Outro ponto fundamental é o discurso, que mistura real e fantasia, e a plataforma na qual o trabalho se desenvolve.

Subsidiariamente, mas não menos importante, o perfil resgata olhares através dos quais nossa cultura lida com o fenômeno da morte e procura elucidar as propostas que a personagem do Twitter traz para mudar alguns desses paradigmas. A mudança no olhar, naturalmente melancólico e temeroso para com o fim da vida se reverte em riso, descontração e leveza. Um contrato cognitivo que é bem sucedido, comprovado pelo aumento contínuo de seguidores e de repercussão das postagens. A conta da @RealMorte no Twitter foi criada em fevereiro de 2010. Desde então, tem aumentado consideravelmente o número de seguidores, contabilizando mais de 102 mil. Segundo o aplicativo que faz serviço de gerenciamento de conta no site BirdBrain, algumas postagens do humorista chegam a serem reproduzidas por dez mil usuários.

Apesar de a própria personagem e de alguns elementos da narrativa - como ambientes e personagens coadjuvantes - serem fictícios, a matéria-prima para as postagens é o factual, a realidade. O alto grau de verossimilhança e vínculo com fatos reais são ingredientes importantes do texto, que consolidam a identidade da personagem.

O trabalho assemelha-se à literatura fantástica, gênero explicado por Gonzaga Motta, em *Notícias do Fantástico*, e que exige a presença do sobrenatural, “aquilo que transgride as leis que organizam o mundo real” (MOTTA, 2006, p.73). Por outro lado,

guarda tantos elementos reais e factuais, que o perfil acaba exercendo um ofício de informar. Mesmo não sendo mais relevante que o de entreter, ganha notoriedade.

Os sites, os ambientes na internet, ressaltadas a cada um suas peculiaridades, abrem espaço para que haja propulsão de pessoas que fazem humor. O detalhe ao qual se atenta ao Twitter é que o balaio de ideias é postado em pílulas de apenas 140 caracteres cada. A construção da narrativa pelo perfil @RealMorte, como será mostrado, não é castrado por essa limitação.

O discurso é interessante, porque o twitteiro lança mão do poder de concisão, do jogo e da escolha das palavras e, também, do aspecto visual para alcançar seu objetivo de fazer humor. (O site permite postagens de fotos e links). Os 140 caracteres, que aparentemente seriam um limite físico, acabam funcionando em prol do efeito cômico desejado.

A construção da personagem é fruto do apreço do autor por algumas criações internacionais. Acontece que a @RealMorte criada pelo artista, um publicitário e roteirista de TV paulistano residente no Rio de Janeiro, é muito diferente das que o inspiraram. Ele criou uma “Morte” típica da nação canarinho, brasileiríssima. E mais, ela padece com sentimentos, pecados e tem anseios como nós, humanos. É irônica, sarcástica, crítica. Por outro lado, é sensível, e parece que o fato de não ser feita de carne e osso a torna mais graciosa.

A simpática dona da foice interage com os seguidores (que podem ser *fakes* ou reais), entre os quais está Oscar Niemeyer (*fake*) – daí, já dá para se imaginar a quantidade de provocações que eles trocam entre si. O @ONiemeyer é caricato do famoso arquiteto, que já passou dos cem anos e, por isso, a cada ano, “vence a morte”. Outro personagem muito citado é José Alencar, referência ao ex-vice-presidente brasileiro, que frequentemente era internado, mas sempre se recuperava. Ele é homenageado no Twitter, mas a Morte não cita o perfil. A maneira como interage com ele será explicada posteriormente.

Segundo Almir Correia (1997, p. 192), apesar de se manter ainda em filmes, novelas, gibis como representação da fala do outro, o humor macarrônico (jocosos,

burlesco) perdeu a sua mais interessante faceta: a paródia política, cultural, social e literária de nosso país. É, justamente, trabalhando com a crítica social, política e cultural que o criador da Morte constrói as piadas. A rede social acaba, então, sendo uma plataforma democrática e eficaz na disseminação desse tipo de trabalho. Os comentários da Morte são refinados e refletem intelectualidade.

1.4 Estrutura do trabalho

A monografia baseou-se em cortes teóricos sobre três eixos que envolvem o trabalho para realizar o estudo empírico e montar a estrutura. São eles:

- 1) A plataforma do Twitter, responsável por todas as conseqüências relacionadas à quebra da sequência narrativa, mas também pela multiplicidade das formas que o humorista tem em mãos para produzir: Imagens, jogos textuais, links, dinamicidade, rapidez. Neste contexto, entra o estudo sobre interatividade, que é substância das redes sociais. A interatividade ganhou um capítulo à parte, separado da descrição da plataforma, mas os estudos foram associados. Essa parte forma os capítulos 4 e 6.
- 2) A composição da personagem que dá voz e ações que montam a estória. Ela, por si só, já guarda complexidades e características muito ricas que demandam atenção. O conceito de verossimilhança é a chave para entender como o autor escreve e como repercutem as piadas. Foi feita também, em capítulo posterior, uma análise sobre os elementos da narrativa que há no perfil. Nesse momento, verificaram-se semelhanças e diferenças entre a estrutura da narrativa pós-moderna feita pela Morte e as tradicionais. Aqui, tem-se os capítulos 5 e 7.
- 3) Por fim, levantou-se o eixo que diz respeito às entrelinhas do discurso da RealMorte, qual seja o da representação sociológica acerca do fenômeno natural do encerramento do ciclo vital. O humorista fala à massa, qualquer pessoa que tenha acesso à internet pode ter contato com o seu trabalho. É imprescindível, portanto, olhar com atenção o conteúdo que ele veicula.

Refere-se aqui à proposta explícita do publicitário de remodelar, reconstruir o campo semântico das palavras e as experiências com relação à morte enquanto acontecimento ou fato. Cada povo lida com a morte de uma maneira. Nós brasileiros temos vários tabus, tendemos a nos resguardar frente ao tema. A personagem escancara para os humanos um *Além* mais leve e nada sombrio. Ela faz um convite para que se repense receios, conflitos e comportamentos. O estudo finaliza o desenvolvimento da monografia, no capítulo 8.

1.5 Esclarecimentos

Optou-se, neste trabalho, por usar os termos relacionados ao ambiente da internet como estão mais difundidos e solidificados. Apesar do enorme apreço da autora pelo aportuguesamento das palavras oriundas de outros idiomas, resolveu-se pela não adaptação, ou seja, pela manutenção do “w” e do “t” duplicado, pertencentes ao radical da palavra Twitter. Termos como “tuíte”, “tuíte”, “tuiteiros”, mesmo sendo escritos por uma parcela de usuários da rede social, ainda não são soberanos e suas grafias não são homogêneas na rede e nos trabalhos consultados. Espera-se que, em breve, os termos adaptados façam parte do domínio lingüístico oficial dos brasileiros, assim como já inserimos nos dicionários as palavras “videoclipe” e “sítio”.

Será comum no texto, ainda, o uso de “@RealMorte”, para referências ao perfil. O símbolo de arroba antes do apelido (*username* ou *login*) que o usuário escolhe ao criar a conta no site faz parte da simbologia do Twitter, assim como a *hashtag* (simbolizada pelo “#”, que será explicada em ora oportuna). Para inserir o link de qualquer perfil em um tweet, com intuito de fazer referência ou direcionar o comentário a uma pessoa e ela ficar sabendo, o usuário deve colocar o arroba. É um mecanismo importante na rede social em questão.

Outro esclarecimento necessário diz respeito às diferenciações entre as ferramentas geradoras do riso, objetivo final da manutenção do perfil da @RealMorte. Alguns autores, como Vladimir Propp e Henry Bergson possuem definições mais rígidas para os termos: humor alegre, mau, bom, sarcasmo, sátira e outros. Não se segue, aqui, os trilhos dessas classificações, até mesmo por orientação do professor

Gonzaga Motta. Acredita-se não ser este o foco do trabalho, e, ademais, as palavras fazem parte do mesmo campo semântico, do mesmo frame (TREVISAN, 1992) de modo a servir às explicações satisfatoriamente.

Cabe mais levar em consideração a intenção e os resultados do trabalho do criador da Morte, que as citadas divisões formais para o processo de análise. Como diz Calvino, em “*Assunto Encerrado— Discursos sobre Literatura e Sociedade*” (1980), por mais que ele tenha reservas que ele tem com relação à sátira, ele a aprecia quando “a carga de fúria derisória é levada às últimas consequências e ultrapassa o limiar do particular para por em questão todo o gênero humano” (1980, p.189).

Quanto à personagem e sua onipresença nas redes sociais, ressalta-se ter usado, além do perfil no Twitter, o blog Diário da Foice (Ver anexo U), atualizado por ela, para traçar melhor as características que a compõe. A coleta de tweets serve à formulação de um rol de acontecimentos que deram base aos comentários e, claro, às ações da personagem. No blog, no entanto, há textos – sem limitação de caracteres – em que a protagonista revela muito de seu cotidiano e de sua personalidade. É uma referência, um apoio a mais para a construção da análise, mas não está, metodologicamente, entre o material coletado, para que esse rol não se estenda demasiadamente e desfoque o trabalho. O blog recebe, de acordo com o autor, uma média de 200 a 300 visitas diárias, sem atualização. Quando há textos novos, o número salta para cerca de cinco mil. O recorde de visitas diárias chegou a seis mil acessos.

2. Metodologia

Fábio Appolinário, no livro *“Metodologia da Ciência – Filosofia e Prática da Pesquisa”* (2009), faz uma explanação a respeito do modo de pesquisa nas Ciências Sociais. No texto, o autor mostra as diferenças claras entre as metodologias aplicadas às ciências naturais, que trabalham com a explicação dos fatos, e às ciências sociais, para as quais é melhor fazer uma interpretação dos fenômenos (2009, p.37-39). A partir desta distinção, feita originalmente pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), o sociólogo Max Weber veio a propor um novo método científico para o ramo do conhecimento: o método compreensivo. O olhar do pesquisador, sob essa diretriz, deveria se concentrar nos sentidos que as ações humanas possuem, e não nos aspectos exteriores dessas ações.

Com a concordância do orientador optou-se, na produção desta monografia, por uma metodologia de observação empírica interpretativa, sem as amarras das técnicas rigorosas dos manuais de pesquisa. A autora acompanhou, no período compreendido entre 1º de novembro de 2010 e 31 de março de 2011, as atualizações da @RealMorte no Twitter, procurando interpretá-las e entender suas contribuições ao contexto do que estava sendo estudado. O Twitter é uma novidade, mas possui caráter fugaz enquanto objeto cultural, pela rapidez com que se reconfigura. Apoiada por uma pesquisa bibliográfica sobre os campos da narratologia e da antropologia - com estudos sobre como diferentes culturas lidam com a morte - pode-se chegar ao resultado do trabalho: interpretação simbólica do objeto.

William Goode e Paul Hatt explicam que o método da observação é, ao mesmo, tempo a mais antiga e a mais moderna técnica de pesquisa. Das experiências causais, não controladas, aos registros mais exatos laboratoriais, tudo pode ser estudado sob essa perspectiva (1969, p.155). Ainda segundo os autores, a tendência é a de que os estudantes não se apeguem à observação de comportamentos sociais que podem até ser óbvios, mas que são importantes. A pesquisa desta monografia tenta ir de encontro a essa indicação, dando espaço ao comportamento social refletido em um dos ambientes da rede.

É difícil analisar situações das quais não se participa (GOODE; HATT, 1969, p.160). A autora, entretanto, possui conta no Twitter há três anos. Por isso, antes de escolher o objeto de estudo, já estava inserida no contexto da rede social. Dona de uma conta e possível personagem da estória contada pela Morte (ser usuário é o pré-requisito para que se possa interagir com a personagem) proporcionaram à autora maior consistência na observação, interpretação e conclusões. Foi preciso, claro, tomar um distanciamento do objeto de estudo com intuito de tornar o olhar o mais crítico, mas é fato que o conhecimento prévio sobre o funcionamento do site contribuiu para um maior domínio do objeto em observação. O papel da autora não foi de estranha ao meio, mas, explicitamente, de uma observadora inserida no objeto.

Foi realizada, ainda, uma pesquisa bibliográfica, que é “o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, matéria acessível ao público em geral” (MORESI, 2003, p.10). Ainda segundo Moresi, o método utilizado nesta pesquisa, é subjetivo, pelo fato de depender do sujeito que faz a observação, e não somente do objeto estudado (2003, p.13). Trata-se de uma interpretação, portanto, calcada em subjetividades.

A metodologia seguiu um caminho relativamente próximo à observação antropológica e etnográfica, no sentido de que se tratou de observar uma conduta humana contemporânea. A interação na rede social, como ação humana, é dinâmica, por isso, foi fluindo enquanto a observação se processava. No caso do objeto em estudo, a análise evidenciou até onde o fluxo discursivo descontínuo e reduzido do tweet pode ser compreendido como narrativa, que tradicionalmente requer sequências de eventos ordenadas cronologicamente. É o que acontece em gêneros textuais como romance, conto, filme ou mesmo texto jornalístico. Para extrair os elementos da narrativa e atingir o objetivo, foi preciso acompanhar sistematicamente as postagens e ir percebendo as características, sem prender-se ao fato de o enredo em análise ser seccionado.

Os tweets são independentes temporal e tematicamente entre si, apesar de a personagem seguir o calendário gregoriano, ou seja, a mesma cronologia seus leitores. Essa característica torna mais complexa a continuidade do texto como um todo. A falta de sequenciamento direto das cenas – a que se presta o uso de conjunções e outros

elementos gramaticais que servem à coesão - sai de foco e abre espaço para a exposição de sutilezas que amarram essas postagens dentro do mesmo contexto.

Buscou-se ainda, neste trabalho, pontos de conexão entre os tweets da @RealMorte entre si, e entre eles e a realidade. Há pontes entre o mundo referencial e o discurso virtual. O autor é habilidoso e mostra coerência no que publica. A forma que ele escolheu para escrever estabelece um contrato cognitivo lúdico humorístico (chegando, às vezes, ao absurdo).

Os meses entre novembro de 2010 e março de 2011 foram escolhidos para a coleta de material para a análise e contabilizam mil postagens. Destas, selecionaram-se algumas para exemplificar os itens da análise, de acordo com o conteúdo sobre o qual era falado. Os meses foram escolhidos, porque, além de colecionarem tweets imprescindíveis para a descrição da personagem, refletem a episódios marcantes para a desenrolar da “trama” e do relacionamento entre as personagens principais. São os chamados pela narratologia tradicional de “pontos de virada”, inflexões que definem rumos importantes e novos para o texto.

A ocupação dos morros no Rio de Janeiro pela polícia, o aniversário do arquiteto Oscar Niemeyer, o Natal, a morte de José Alencar e a tragédia no Japão foram algumas das inspirações para o autor em seus relatos. Niemeyer apresentou, aos 103 anos, a sua primeira composição musical. Momentos como essas são matérias-primas riquíssimas ao humorista.

Entrevistas com o autor do perfil @RealMorte foi outro recurso metodológico usado para a produção deste trabalho. Houve contato com o artista por email, com o intuito de confirmar as conclusões às quais a autora chegou. Além disso, dessa maneira, obtiveram-se dados sobre o humorista e números relacionados Twitter e ao blog Diário da Foice.

3. Referencial Teórico

A busca bibliográfica se orientou por três eixos teóricos, quais sejam: O estudo da plataforma do Twitter, que faz parte do contexto do pós-modernismo; O estudo sobre a estrutura tradicional das narrativas, que serviram de base para a comparação com a narrativa que está sendo analisada; E as reflexões antropológicas acerca da consciência e costumes relacionados à morte.

Sobre o primeiro assunto, a pesquisa usou como base o texto de Domício Proença Filho e de Jair Ferreira dos Santos, sobre pós-modernismo e arte. Maria Trevisan Castegnaro, com o livro sobre conhecimento prévio, semântica das palavras, processo cognitivo, ajudou a estabelecer os pilares da interação, da participação que o leitor tem na construção da narrativa no Twitter. Quanto ao site, a descrição e a explicação acerca das ferramentas e possibilidades de uso foram encontradas no manual redigido pelos profissionais da agência de comunicação Talk, disponibilizado na internet.

A noção sobre narratologia mereceu atenção especial e pesquisa ampla de autores consagrados. Roland Barthes, Tzvetan Todorov, muito citado pelo orientador Luiz Gonzaga Motta (também pesquisado pela autora), Cândida Vilares Gancho e James Wood (com obra recém-lançada) tem diretrizes adequadas para esta análise. Sobre a personagem, elemento fundamental para o desenvolvimento da narrativa, foram consultados Antônio Cândido, Beth Brait e o Roteirista Syd Field. O efeito que o texto produz, no caso estudado o de humor, é chave para a posição de destaque do perfil. Por isso, a leitura se estendeu a Aristóteles, que fala sobre gêneros teatrais e catarse. Já o humor inerente ao Twitter foi alvo da observação de Nina Macolo Bueno.

O estudo estruturado nas raízes antropológicas, cujo olhar se voltou ao ser humano e seu comportamento diante da morte, foi ancorado por vários autores. Edgar Morin analisou a morte sob várias perspectivas: cultural, no ambiente militar, religioso, social. O comportamento dos enlutados foi, de modo muito feliz, descrito e compreendido por Milena Freire. Ela fala sobre o isolamento e o sofrimento em que se encontra o indivíduo que perdeu um ente. José Carlos Rodrigues mostra como a morte é um tabu para nossa sociedade. Traz vários exemplos de como outras culturas lidam com o fenômeno. Algumas tem rituais que, para nós, são macabros e

bizarros. José Martins e João José Reis auxiliaram no entendimento dessa relação cultural na sociedade brasileira. Maria Elizia Borges estudou a arte funerária, expressada nas lápides e nos cemitérios. O assunto “morte” pode ser entendido como estética, cheio de simbologias e índices que conduzem a percepção do indivíduo que entra em contato com essa arte. Alguns artistas mantem essa simbologia, enquanto outros tentam reconstruí-la. É o caso de José Guadalupe Posada, de Tim Burton e do humorista do Twitter, que tiveram seus trabalhos mostrados na monografia.

Ian Watt e Ítalo Calvino, ademais, foram indicações de leituras muito especiais, que aparentemente não seriam incorporados aos eixos de pesquisa. No entanto, a sensibilidade desses autores ao mostrar como deve funcionar um bom texto, como o autor e a época em que produz influencia no resultado da obra acrescentaram a análise. Juntamente com o já citado James Wood, seus livros mostram como as sutilezas estilísticas e técnicas dão dimensão e textura ao texto. É, justamente, o uso dessas técnicas que sustentam o sucesso de um trabalho na internet, em que a volatilidade de leitores é muito grande. É difícil transformar um simples visitante em leitor assíduo de um perfil na rede. Uma das explicações para o alcance desse patamar está na identificação que leitor sente diante da obra, fruto do jogo entre realismo e ficção que o humorista consegue fazer.

4. A plataforma do Twitter

Twitter é uma rede social¹, um *microblogging*, que permite a publicação de textos de até 140 caracteres por vez, compartilhamento de links e busca em tempo real². A rede social é disponível pela internet gratuitamente e o usuário pode criar uma conta preenchendo um cadastro no site. O usuário pode, ainda, atualizar seu perfil por email ou SMS (*Short Message Service*), mas, no caso, é cobrado serviço telefônico. A plataforma foi lançada oficialmente em 2006, mas já vinha sendo programada desde 2000, por Jack Dorsey. O internauta pode usufruir do serviço nas línguas: inglês, espanhol, italiano alemão, japonês, coreano, francês, russo e turco. Pode, ademais, adequar o seu perfil ao fuso horário da sua cidade.

O Twitter conectado a outras redes sociais e permite a atualização automática, quando o indivíduo publica algo no Facebook, Formspring, Flickr, Yfrog ou Tumblr, por exemplo. Outras plataformas surgiram em função do site. É o caso do Twitpic, onde os usuários descarregam fotos e criam vídeos e remetem o link dela diretamente para seus perfis. Já o LOLquiz remete resultados de testes que os usuários fazem à página de atualizações. Eles podem, também, criar seus próprios testes.

Alguns aplicativos para dispositivos móveis facilitam o acesso ao Twitter pelos participantes. A escolha dos aplicativos depende do aparelho que o indivíduo usa. Além disso, é preciso ter um plano de acesso à internet 3G ou disponibilidade de redes wi-fi. O TwitterBerry serve ao BlackBerry; o Tweetie ou TweetDeck são para iPhones; o Tweets60 para smartphones da Nokia. O Twikini e Quakk funcionam em Windows Mobile. Já o Dabr são para equipamentos da Palm.

Uma maneira de driblar a limitação de postagens em 140 caracteres, inerente à plataforma, foi criada. Os encurtadores de URL servem para que o usuário possa inserir links de páginas de internet nas postagens, já que eles tendem a ser enormes. No Brasil, um dos mais conhecidos é o Migre.me.

¹ Em termos gerais as redes sociais são relações estabelecidas entre indivíduos com interesses em comum em um mesmo ambiente. Definição usada em artigo de autoria do professor Dejalma Cremonese, Doutor em Ciência Política pela UFRGS e professor do Departamento de Sociologia e Política da UFSM.

² Definição baseada no Guia do Twitter, material organizado por profissionais da Agência Talk de comunicação. A Talk é especializada na formulação de estratégias de marketing digital, mídias sociais e tecnologias 2.0 para clientes de vários segmentos, especialmente da área institucional. Mantém o blog Talk2.com.br. Não há data no guia, mas o post sobre o lançamento da publicação é de 2009.

De acordo com o guia da agência de comunicação Talk, que foi prefaciado por um dos usuários mais reconhecidos da rede, Marcelo Tas (seguido por aproximadamente 1,5 milhões de pessoas), “um dos motivos do sucesso do Twitter é atribuído ao fato dele ser um serviço incompleto, sem finalidade definida e que, portanto, ainda está sendo diariamente inventado, do ponto de vista técnico e também em termos de aplicação” (2009, p.12). Há interesses e finalidades diversas para o uso da rede. Além da conexão pessoal, com a ligação entre amigos reais e virtuais, o site se tornou um espaço excelente para divulgação de marcas, serviços e projetos de quaisquer áreas. Fins comerciais e jornalísticos também são visíveis. O Banco do Brasil, por exemplo, responde a perguntas se seguidores pelo Twitter. As principais empresas de jornais, por sua vez, usam a plataforma para atrair mais leitores/telespectadores/ouvintes, divulgando manchetes e dando “furos” em 140 caracteres. Uma das maneiras que as empresas usam para interagir com o internauta é fazendo promoções e sorteios.

Uma das diferenças primordiais do Twitter com relação às outras redes sociais, como o Orkut e o Facebook, é que para se conectar a alguém, não é preciso solicitação. Um twitteiro A segue o B sem que o esse precise aprová-lo. Há, no entanto, ferramentas de bloqueio de seguidores indesejados e proteção para que só determinados seguidores acompanhem as postagens. A seleção se torna, neste caso, posterior à conexão entre usuários e não anterior. Assim, não há limites para a quantidade de conexões suportadas pela plataforma. Há twitteiros que são seguidos por milhares de pessoas. O número de seguidores não é igual à quantidade de perfis que o usuário segue, assim, mesmo que um desconhecido o tenha adicionado, o twitteiro não vê as atualizações daquele, a não ser que vá até o perfil dele e o siga também.

4.1 Interação

Ao criar a conta, o próprio sistema ajuda o novato a encontrar contatos, ou faz indicações. Para os twitteiros que sejam adeptos do Gmail ou do Yahoo!, o Twitter pode reconhecer quais contatos já possuem perfil no site. Caso o recém-chegado prefira fazer a busca digitando no campo de pesquisa um assunto qualquer, ele pode visualizar quem tweetou as palavras chaves recentemente. Outra opção é procurar por lugar, modo pelo qual o usuário localiza conterrâneos.

Os twitteiros dispõem de alguns conceitos e ferramentas básicos para realizarem suas atividades no site. Alguns deles são:

Bio: Biografia. Espaço destinado à identificação do usuário. Colocam-se nome, profissão, interesse em estar na rede. A descrição é livre, cada um se apresenta como desejar.

Following: Seguidos. Rol de perfis que o usuário segue. A @RealMorte segue personalidades como @ONiemeyer, @ODarwin, @willienelson, @fidelcastro e @Zagallobrasil (Ver anexo B).

Followers: Seguidores. Rol de perfis que seguem o usuário.

Trending Topcs: Lista dos assuntos mais comentados do momento. Pode-se optar pela listagem de acordo com: cidades, países ou o rol mundial.

Direct Message (DM): Mensagem Direta. Maneira pela qual o usuário envia mensagens privadas a um contato.

Reply: Resposta a alguém que tenha citado o usuário em algum tweet. Ao clicar no botão, o nome do interlocutor já é colocado na mensagem de resposta, para que ele também saiba que foi citado/respondido. Para tal, o nome é sempre precedido de @. Ex: Acho que esta série de reportagens sobre [#Educação](#) foi das mais elogiadas que a gente já mostrou no [@JNTVGloboBrasil](#). Muito bom isso. – Retirado do perfil do apresentador William Bonner.

Retweet: Republicação automática de um comentário original, sem adição de mais caracteres à publicação.

RT: Forma para o usuário reproduzir alguma postagem manualmente. Assim, ele pode inserir comentários pessoais junto ao original. Ex: Agora, acaba de vez :) RT [@SandroVaia](#): Duro golpe para o socialismo: Skaf e Chalita foram para o PMDB – retirado do perfil de Marcelo Tas. A @RealMorte também a utiliza: “Sim, seu vizinho é um mala. Se quiser que eu dê um jeito nele AGORA é só dar RT que eu vou analisar caso a caso”.

Hashtag: Termo advindo de “tag”, etiqueta em inglês, que serve para situar o seguidor sobre o que o indivíduo twittou. De acordo com o manual da Talk, “‘taguear’

significa relacionar palavras-chave a um determinado conteúdo para que ele possa ser encontrado por outras pessoas. O Twitter não seria uma ferramenta de comunicação tão poderosa se não fosse pelas tags”. Algumas *hashtags* famosas são: #FollowFriday ou #FF; #MusicMonday ou #MM; #Fail; #WorldCup2010; #ForaSarney. Um exemplo de tweet da @RealMorte com hashtag disseminada é: “Meu #FF de hoje vai para o @oNiemeyer, sigam. Depois me passem o endereço”.

4.2 O Twitter no Brasil

O professor Dejalma Cremonese (2011, p.6) mostra um estudo a respeito do acesso brasileiro ao Twitter:

Segundo estudo publicado no mês de outubro de 2010 pela comScore, empresa de marketing digital, constatou que 23% dos usuários de Internet no Brasil – em comparação com os 11,9% dos EUA – visitaram o Twitter em agosto passado, a mais alta taxa de participação de qualquer país do mundo.

Ainda baseado no referido estudo, o número de usuários do Twitter no país teria crescido 708% entre abril de 2009 e outubro de 2010. É possível deduzir que as estatísticas estão ligadas a algumas notícias em jornais de grande circulação, que reproduziam declarações de famosos na rede, polêmicas ou novidades. Outras contribuições vieram dos próprios acontecimentos nestes anos, como a Copa do Mundo de 2010 e as eleições. Hashtags como #ForaSarney, nomes dos candidatos em época de campanha, #CalabocaGalvão e sobre outros fatos da Copa permaneceram dias nos *Trending Topics*. A mídia noticiava a repercussão delas e curiosos começavam a aderir à rede.

O Twitter Central (<http://twittercentral.com.br/>), que baseou a pesquisa feita por Dejalma Cremonese, apurou que no Brasil, no quesito faixa etária, as pessoas que tem entre 19 e 24 anos são maioria entre os usuários, com 43,81%. Em seguida, vem os internautas dos 15 aos 18 anos e os que tem entre 31 e 35 anos. Já a separação por gênero, os homens são mais adeptos ao site. São 55,71% contra 42,44% das mulheres. Empresas representam 1,85%.

Por fim, dividindo os números por estados, São Paulo tem o maior percentual de internautas que acessam o Twitter (43,53%), seguido pelo Rio de Janeiro com 13,50%. Em terceiro está Minas Gerais com 10,08%. A maioria acessa somente em casa, 35,81% e, em casa e no trabalho 33,01%. Dos internautas, 66,76% usam o navegador para twittar e 16,74% usam o navegador e o celular.

4.3 Twitter e humor

Em matéria veiculada no dia 25 de março deste ano, a versão online do jornal Estadão mostrou que perfil mais influente do Twitter é, justamente, o de um humorista. Rafinha Bastos, integrante do programa de humor da TV Bandeirantes, o CQC (Custe o que Custar), lidera a lista que possui personalidades como o presidente dos Estados Unidos Barack Obama, a atriz e modelo Kim Kardashian, o rapper Snoop Dogg e o comediante Conan O'Brien, ambos dos EUA. Somente mais um brasileiro faz companhia a Rafinha Bastos entre os dez primeiros do mundo, o apresentador Luciano Huck. A coleta dos dados para a elaboração do índice de influência foi feita entre 18 de janeiro e 15 de fevereiro de 2011, com 100 perfis mais seguidos. O realizador da pesquisa foi o Twitalyzer, serviço independente que mede a popularidade dos perfis na rede social. O resultado foi noticiado no dia 24 de março de 2011, pelo The New York Times.

O perfil em @RealMorte, segundo o site TweetRank (www.tweetrank.com), angariou quase dez mil seguidores entre os dias 25 de abril e 17 de maio de 2011 (Ver Figura 1). Em 23 de abril de 2010, praticamente um ano antes, a Morte tinha acabado de chegar aos 12 mil seguidores. O site pessoal “Caixa do Júnior³” havia feito uma postagem selecionando os perfis mais engraçados do Twitter, e, ao citar a Morte, informou quantidade de seguidores que o perfil tinha.

Figura 1: Evolução do número de seguidores do perfil @RealMorte



Fonte: TweetRank

³ Disponível em: <http://www.caixadojunior.com/2010/04/os-fakes-mais-engracados-do-twitter.html>

O TweetRank analisa a popularidade e a influência do perfil para montar suas estatísticas. A quantidade de seguidores, de réplicas de seus comentários, interação com outros usuários e menções feitas ao perfil são determinantes para a posição na lista dos principais. No dia 17 de maio de 2011, a Morte tinha nota de influência de 70,74 e popularidade de 82,92. A nota geral da caveirinha era 75,61. Rafinha Bastos, por esse mesmo medidor, estava com nota de influência 72,50 e 90,50 de popularidade. Na nota geral, ficou com 79,70. Nota-se que a diferença entre as notas é pequena, ainda mais levando-se em consideração que o humorista, nesta data, já tinha ultrapassado a marca de dois milhões de seguidores, critério importante para as notas. Já a @RealMorte era seguida por 94.548 usuários.

Não se classifica os perfis em categorias de uso no Twitter, assim, os humoristas são contabilizados em meio a jornalistas, cantores, perfis de astros e programas de TV, políticos, empresas, times de futebol, perfis fakes que postam frases de autores célebres ou ditos populares.

5. A personagem

Dois de novembro de 2010. Dia de Finados. Enquanto milhões de brasileiros fazem uma pausa nas suas atividades para homenagearem entes que morreram, uma personalidade triunfa. Para os humanos, um dia de reflexão, de recato e, até mesmo, de lágrimas. Para a dona de um dos perfis mais engraçados do Twitter, porém, é dia de festa. Ao contrário do imaginário brasileiro acerca do fenômeno real que encerra o ciclo da vida, a @RealMorte, aniversariante do dia, é uma figura simpática e benquista. A usuária do Twitter conta ali a sua saga profissional e pessoal a 102.400 leitores (até o dia 21 de junho de 2011).

Apesar de ser a responsável por levar as almas para o Além, ela revela traços na sua personalidade que, a princípio, em nada seriam comparáveis com os tabus do imaginário brasileiro a respeito da morte. Na cultura brasileira, assim como na maioria dos povos ocidentais, a morte (o fenômeno, o falecimento) ainda é um assunto pouco compreendido e também um tabu. A morte, ainda mais de pessoas próximas, faz com que a pessoa tenha de se reorganizar. Para o antropólogo José Carlos Rodrigues, é tratada “uma verdadeira chaga que põe em risco a vida social” (1979, p.52).

Vários povos, especialmente, os ocidentais, ainda não aprenderam a lidar com a ideia de término da vida terrena. O perfil, criado pelo publicitário paulistano, acaba tratando de maneira peculiar e leve o assunto. O humor inerente à personagem é bem elaborado, refinado, e o resultado desta empreitada é o contínuo aumento da popularidade deste perfil. “Bom dia! Já levantou? Ótimo. Já tem o que me agradecer”, disse ela ao amanhecer do dia 27 de março.

Subordinada a um único ser, Deus (que também está no Twitter, com apelido de @OCriador), a Morte relata como é exercer sua função. Com altos e baixos como qualquer ser humano, com dias bons e ruins, o que ela faz é revelar detalhes sobre sua jornada, seu precioso armário onde guarda as fichas com os nomes de todos os seres humanos encarnados e, curiosamente, até mesmo dos sentimentos que a assolam. Ela é funcionária e não patroa. Padece de falhas, estresses e manias. A personagem alimenta também um blog, onde contou como se interessou pelo Twitter:

Entrei no micro-blog há alguns meses por influência do meu amigo o @oCriador. Eram poucos do pessoal da nossa dimensão que já usavam a

ferramenta. Na verdade, o twitter estava tendo seu boom no além naquela fase. Fui tateando, descobrindo, curtindo, ao mesmo tempo que meu número de seguidores crescia enormemente, mas sempre tomando cuidado para que nunca ultrapassasse o número de seguidores de Deus, pois isto seria uma grave gafe de trabalho. Seria mais ou menos como vencer seu chefe num jogo de futebol de salão e ainda fazê-lo pagar a cerveja depois. E a última coisa que eu quero despertar é a inveja de um ser todo-poderoso irascível e com megalomania. Vocês não tem idéia do que acontece quando Deus fica bolado com alguma coisa. Para criar um buraco negro, zerar tudo, e começar outro big bang do nada, basta olhar torto. Conheço a Peça (postagem no blog Diário da Foice, no dia 1º de junho de 2010)

Como o típico funcionário, a caveirinha se queixa do trabalho acumulado, de falta de promoção e da rotina. Como única criatura a desempenhar sua função, faz o serviço todo sozinha e ainda, aparentemente, não tem muitas regalias. “Se descobrirem vidas em Marte, eu tô fudido. É pelo menos duas conduções pra ir, duas pra voltar” (sic), postou em uma ocasião.

O deslocamento, as viagens a trabalho, são feitos sem menção a um possível uso de teletransporte ou de qualquer outra maneira miraculosa, que transgrediria o palpável, as criações humanas. A protagonista tem de incrível a imortalidade, mas não a manipulação do tempo, da cronologia. Até cita fenômenos naturais como sendo instrumentos de trabalho, mas são episódios conhecidos pelos humanos, como os eventuais terremotos, tsunamis, vulcões. Nada que não faça parte da nossa realidade.

O perfil do @oCriador homenageia o Deus cristão. Também faz parte do rol dos personagens humorísticos da rede e se declara como a figura mais onipresente, onisciente, onipotente e online de que se tem notícia. Ele aparece nos comentários da Morte com tom respeitoso, revelando nas palavras a hierarquia à qual a ceifadora se submete. Da mesma forma que a Morte diz que a estrada para o céu está congestionada, conhece muito bem o inferno, onde deixa milhares de almas. O interessante é que o capeta (@RealCapeta), que também tem perfil no Twitter, já não é temido pela protagonista. Pelo contrário, até ele é alvo das ironias e deboches. “Quem diz “Tá no inferno, abraça o capeta” é porque não vai lá todo dia como eu”, diz.

Ainda com relação ao trabalho, alguns locais são frequentemente citados pela Morte. O Hospital Sírio-Libanês, o Oriente Médio e o Rio de Janeiro são exemplos. Os dois últimos pelos índices de violência, que resultam em altos índices de assassinato. Já as visitas ao hospital são frutos da “perseguição” que ela fez ao ex-vice-presidente José Alencar, até seu falecimento no dia 29 de março de 2011. O político tinha câncer no

abdômen, em virtude do qual passou por 16 cirurgias e teve um histórico de várias internações no referido centro médico. Se comparado aos outros personagens citados constantemente pela protagonista, José Alencar é o único que não possui um perfil muito seguido na rede social, seja *fake* ou administrado pela assessoria do próprio político. Há homenagens, mas não são expressivas como os perfis dos outros personagens. Ao se referir a ele, a ceifadora cita o seu nome, sem usar o arroba, que tem a função de direcionar o leitor à página do indivíduo citado no comentário. Com o “Zé”, a Morte não dialoga diretamente. “Não falo mais do Zé Alencar hoje. Pra mim esse assunto morreu aqui”, postou em 16 de março.

Em lugares que tem conflitos crônicos, como o Afeganistão, a Faixa de Gaza e Iraque, a Morte sempre faz horas extras. Em cada viagem a trabalho, o leitor pode esperar uma bagagem de risos e descontrações a ser postada. Os seguidores, acompanhando o noticiário e cientes da veracidade desses conflitos usados como plano de fundo, tendem a se identificar com o que lê. A personagem se insere no nosso contexto, usa o tempo real, o calendário gregoriano, ao mesmo tempo em que monologa a respeito de situações que aconteceram em outros planos, advindos da imaginação. É assim que a narradora-personagem constrói sua verdade. O termo “verdade”, dentro da ficção, tem significados diversos e depende da própria coerência interna da obra. (CÂNDIDO, Antônio et al, 1968, p.18). Sob prisma do universo da ficção, portanto, um absurdo pode ser coerente. A Morte tem mecanismos lingüísticos que tornam coerente e verossímil o que ela posta, fazendo com que cada *tweet* seja uma pecinha da estória que ela vai desenrolando ao longo dos dias.

A autora Beth Brait cita Aristóteles para esclarecer que há dois aspectos da personagem: ela como reflexo da pessoa humana; e como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto, o que torna relativo o conceito de mentira e de realidade (1985, p.29). Ela não trata da nossa realidade, do nosso mundo, mas o da estória. Assim, algum fenômeno que para o mundo real é miraculoso, para a obra, se torna comum. A figura da literatura e da arte que mais parece se aproximar do perfil @RealMorte é a “alegoria”. Alegoria é uma forma característica da narrativa simbólica satírica, onde ocorre uma plausibilidade absurda. É plausível, ainda que absurdo. Na página do Twitter em questão, o narrador constrói uma figura e um cenário imaginários semelhantes ao nosso, mas completamente distanciado dele, exigindo do

leitor certo esforço imaginativo e uma transposição cultural frequente, a fim de que ele possa perceber todas as sutilezas. É uma narrativa imaginária criativa e universal, ainda que neste caso, referenciada na imaginação cultural brasileira. Há, como em toda alegoria, um movimento rumo ao mundo racional, que coexiste na narrativa com outro movimento rumo ao mundo irreal imaginário. Extrai-se, também, certa semelhança com o surrealismo, na medida em que a Morte povoa os improváveis devaneios dos sonhos, dos absurdos desejos e dos medos que atravessam nossos sonhos. Há de deixar claro, no entanto, que o perfil é uma narrativa surrealista branda, porque o fantástico só prossegue até onde ele é minimamente factível, nunca se transpondo inteiramente para o mundo da fantasia.

O leitor entende esse dinamismo de contrários e participa da solidificação dessas leis da própria narrativa. Isso fica claro nos momentos em que os usuários comentam e replicam as publicações da Morte. O comentário da leitora Karin Ohara explicita isso:

“Se tem uma coisa que me fascina, é me deparar com pessoas inteligentes. (Concordo que eu teria que falar com a ‘Morte’ agora, mas não – vou falar com você aí mesmo). As suas tiradas, as coisas engraçadíssimas que você escreve, a forma como você incorporou a Dona Morte é hilária. Mais uma vez vou parabenizar sua inteligência (já fiz isso via Twitter). Eu dou muitas risadas com você!” (comentário retirado do Blog Diário da Foice)

O entrelace de verdade e ficção na mesma oração feita pelo autor confere um tom mais realista às piadas. Verificam-se elementos reais dentro da estória que todos os leitores sabem se tratar de uma ficção. Foi justamente essa fórmula a responsável pela popularização do hábito da leitura e por catapultar o gênero literário romance.

Tendo sensibilidade e aptidão para unir ficção e realismo⁴, Daniel Defoe escreveu o livro “Um diário sobre o ano da peste”, em 1720, que trata do surto de peste bubônica na Paris de 1665. As bem traçadas linhas do romance são resultado de uma apuração rigorosa, com uso de jornais e dados oficiais para contar o episódio. A obra, no entanto, é fictícia, pois sabe-se que o autor tinha apenas cinco anos de idade na época retratada no livro, o que torna improvável a veracidade de toda a descrição realizada.

⁴ O termo realismo viria a ser utilizado originalmente em 1835, como definição estética para denotar a “*verité humaine*”, de Rembrandt em oposição à “*idéalité poétique*” da pintura neoclássica. Como termo literário, se consagrou em 1856, pela fundação do jornal *Réalisme*.

Ian Watt, no livro *“A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding”* (2010) explica o sucesso do vanguardista: “Os romances de Defoe constituem marcos da história da ficção em grande parte porque são as primeiras narrativas consideráveis que incorporam todos os elementos do realismo formal” (2010, p.112).

Juntamente a Zé Alencar, que venceu inúmeras vezes a morte recuperando-se de uma doença terminal, e o arquiteto Oscar Niemeyer – que completou 103 anos no dia 15 de dezembro de 2010 e rendeu muitos comentários na rede – são os dois personagens coadjuvantes mais citados pela Morte na trama. Durante algum tempo eles a venceram de alguma forma (lembrando que a narrativa muda após a morte, na vida real, do ex-vice-presidente). É esse um dos fios que tecem o humor dos comentários. Fios esses pautados, em algumas vezes, pelas ações reais praticadas pelas personalidades em quem os perfis *fakes* ou a imaginação do autor da @RealMorte se inspiram. Assim, quando José Alencar era internado, o humorista fazia alusão ao fato nas postagens. Na ocasião em que o arquiteto apresentou sua primeira composição, um samba, a Morte também fez referência ao acontecimento. Foi no dia 10 de dezembro, cinco dias antes do aniversário de 103 anos. “Já falei, só perdôo o @ONiemeyer pelo sambinha "Tranquilo com a vida" se ele compuser outro chamado "Preocupado com a Morte PRA CARALHO””.

Não fosse o embate entre @ONiemeyer e a @RealMorte no Twitter, muitas piadas não produziriam mesmo efeito cômico. Fato é que o perfil do arquiteto também ganhou muitos seguidores na rede social e é estrategicamente alimentado pelo mesmo indivíduo que cuida do perfil da Morte. Tem linguajares diferentes um do outro, inclusive, o autor tem o cuidado de usar aplicativos para dispositivos móveis diferentes ao acessar o Twitter e postar em cada perfil. A @RealMorte usa o aplicativo Nambu, enquanto o @ONiemeyer aderiu ao Kiwi.

A Morte, apesar de cronologicamente antiga, não envelhece nunca. Promove festas, conhece bem o que se passa nos meios cultural e político da sociedade. Está sempre a par dos acontecimentos. Vez ou outra, posta links de páginas de jornal. É uma leitora assídua. Da mesma forma que tweeta sobre figuras como Jesus Cristo, Shakespeare, múmias, comenta um fato novo, pontual: um jogo de futebol, um seriado de TV, uma votação no Congresso, um filme novo em cartaz ou uma nova capa de

revista. Liga cotidiano e história, real e fantasia. “Desculpe, gente, mas há uma execução em cadeira elétrica justo na HORA DO PLANETA que não vou poder adiar. Esquece!”, escreveu, em alusão à campanha que circula na internet para que as pessoas desliguem, por uma hora, todos os aparelhos e lâmpadas. A última Hora do Planeta aconteceu dia 25 de março.

A personagem já deixou claro que possui gênero masculino. O jeito largado de ser e algumas expressões elucidam sua masculinidade. Quando refere a si mesma, emprega palavras com desinência de gênero masculino. O uso despreocupado de palavrões e o fato de tirar sarros das mulheres também confirmam isso. “É mais fácil deixar uma mulher viver até os 114 anos, do que fazer uma assumir que tem 40”, brinca, após notícia de aniversário de Walter Breuning, um senhor norte-americano considerado o mais velho do mundo. A questão de gênero, neste caso, é coerente com a cultura linguística inglesa, que trata a morte como figura masculina. No idioma, pode ser chamada de Grim Reaper, que é, inclusive, o nome de uma das personagens que inspiraram o autor da @RealMorte. Em língua portuguesa, espanhola e eslava, por exemplo, a morte já é percebida como figura feminina.

A materialidade e aspectos do “convívio social” da Morte também ficaram expressos logo nos primeiros tweets coletados para análise. No já citado Dia de Finados, ela lamentou o fato de fazer aniversário antes da primeira parcela do 13º salário, que faz com que os indivíduos economizem na compra do presente. Apesar de não ser humana, ela dialoga com humanos, especificamente, na hora em que vai levá-los. É um dos momentos preferidos para contar como tudo aconteceu. Getúlio Vargas, por exemplo, teria dado trabalho na hora de ir (Ver anexo S).

A materialidade se junta a outras características bem humanas que a Morte possui. Dia 25 de para ela não é, simplesmente, Natal. É o aniversário do filho do chefe. Então, uma puxadinha de saco no fim de ano, após feriados inteiros trabalhando poderia ser vantajosa. “Uma vez, dei um perfume pra Cristo, mas ele o deu pra São Pedro. Não vou gastar com presente pra parar na mão do porteiro, né?”. Uma dificuldade revelada pela caveirinha é escolher um presente para o filho do chefe. “Depois de 2000 anos, escolher presente tá cada vez mais difícil. Já dei de tudo, gente!”.

Esquelética, a Morte não reclama do seu porte físico. Posta fotos deitada na praia, na sala de espera do Hospital Sírio-Libanês (Anexo G), ou mesmo pegando carona na asa de um avião. Segundo ela, a única academia de que gosta é a Academia Brasileira de Letras. Neste caso, faz referência freqüente de trabalho atrasado, de locais que não frequentou em 2010. O motivo é que ela acaba se entregando ao modismo brasileiro de dizer que “na próxima segunda-feira, sem falta, vai para a academia”

Beth Brait define personagem como sendo “habitante da realidade ficcional” (1985, p.11). A autora explica que, em uma foto, por exemplo, podemos ter uma personagem, criada a partir da representação da realidade. A expressão, as questões técnicas, a pose, tudo isso são elementos que constroem sentido para a imagem, sendo fidedigna ou não. O receptor desatento ou ingênuo, não percebe que esta imagem seria apenas uma reprodução e não uma criação.

Quanto ao universo das palavras, e não da imagem, também se tem uma construção de sentido, da personagem. Na oração, os verbos que o cercam, as palavras que adjetivam o sujeito. Tudo tece as características da personagem, tornando-a um ser entre o reproduzido e o inventado. A Morte é fruto de uma composição que inclui modelos adaptados de outras personagens, como o Grim Reaper do grupo de comediantes ingleses Monty Python, a criatividade do próprio autor, que tem a arte como profissão juntamente com a publicidade, e também as características que se revelam devido à própria plataforma do Twitter, que permite interatividade com o leitor.

A personagem, geralmente, está condicionada a um fazer no texto, o que é necessário para que ela exista. No Twitter, espaço de uso gratuito e de livre atualização, a @RealMorte apresenta o fenômeno da morte de maneira diferente da mostrada em obras de terror, por exemplo. Nas palavras ligadas à “morte”, há sempre a ideia de escuridão, medo, tristeza. A personagem reconstitui esse conjunto, levando a ideia de “morte” para o campo semântico da graça, da comicidade, da leveza. Uma das características do texto de humor, que é o propósito final da empreitada da Morte, é justamente mexer com os paradigmas dos leitores e quebrar suas expectativas.

As personagens mais velhas com quem a narradora interage possuem atitudes e traços de personalidades joviais, o que é um dos elementos que configuram a referida

quebra de expectativa. Em uma ocasião, o @ONiemeyer postou um link de uma matéria do G1, que tratava de Besse Cooper, a americana de 114 anos considerada a mulher mais velha do mundo (matéria do dia 10 de março de 2011) e fez o seguinte comentário: “Eu pegava”. Em seguida, a @RealMorte replicou o tweet do arquiteto e brincou “Eu também. Os dois juntos”. É normal que o uso da palavra “pegava” no sentido de beijar, namorar pela personagem centenária impressione e divirta o leitor. É uma gíria da geração atual, muitas vezes, até criticada pelos mais velhos. A apropriação de aspectos da juventude pelas personagens e a transfusão de campos semânticos das palavras gera comicidade. O verbo flexionado no pretérito imperfeito pertence a dois campos semânticos no contexto do comentário: na frase dita pelo arquiteto, tem sentido conotativo, é a gíria. Já na resposta da ceifadora, tem sentido denotativo, de tomar para si.

Do contrato cognitivo estabelecido entre o produto midiático ou artístico fantástico e o receptor dispersam sensações, resultantes da reação que a mensagem produz no imaginário e intelecto do indivíduo. O leitor não é absolutamente passivo e influencia, de certo modo, na construção da mensagem que absorve. O texto puro, advindo do emissor, é filtrado pelo conjunto de conhecimentos e experiências acumulados pelo receptor. Como diz Motta, o “destinatário acrescenta, recria, a partir de suas próprias perspectivas [a mensagem]” (2006, p.17).

5.1 Outras facetas da caveirinha

Além de levar, oficialmente, todas as almas para o além, a Morte aprendeu com os humanos outros ofícios. Entre os mundos material e espiritual, ela mostra habilidades para fazer confraternizações e lidar com grande público, tanto que é bastante popular na internet. Eis algumas outras facetas da personagem:

5.1.1 *Promoter e DJ*

A lenda de que a Terra vai acabar em 2012 é de autoria da Morte. Um projeto audacioso como este é digno de bastante propaganda, inclusive com *flyers*. Os ingressos para camarote, teoricamente o melhor lugar para assistir a um evento, serão vendidos em breve, ela divulga. Eis que se revela outra faceta da personagem: a de *promoter*.

Além do “Terra 2012, Eu vou” (Ver anexo E), o maior de todos os eventos, a Morte já fez outras festas, como a de seu próprio aniversário.

O “Chá da Foice – a festa” aconteceu dia 02 de novembro, na Rua General Pinochet, 232, Quinto Círculo, Inferno. Quem levasse o flyer ganharia um drink de brinde. A música, claro, teria de agradar os diferentes gostos. Para isso, tocaram Claudinho (sem Buchecha), Sabotage, Os Infernais e a própria Morte, que também sabe dominar as pick ups. A Morte, ainda, não se esqueceu de fazer uma parceria com o site www.ingressos.com para comercializar os bilhetes de entrada (Ver anexo D).

Neste fato, os elementos dos tweets são imaginários, mas a fórmula usada por ela para conceber o evento é bem conhecida por nós. É assim mesmo que os jovens costumam realizar e divulgar suas festas. A figura do *DJ* é moderna, apreciada em vários tipos de festas. O site que vende os ingressos também não é fictício. A verossimilhança que ela consegue estampar, por mais fantasioso que seja o “Terra 2012”, por exemplo, conquista o leitor. Gera uma identificação, que se reflete nos comentários que os seguidores deixam nas fotos postadas e na quantidade de retweets (replicações de seus comentários) que o perfil recebe, o que a torna ainda mais popular.

5.1.2 Atriz

A caveira também já teve seus momentos de fama, reconhecimento por algumas atuações em obras importantes. Uma de que se orgulha bastante é a vez em que representou o crânio de Yorick, em Hamlet. Outro sucesso é “Harry Potter e as relíquias da morte”, ou “minhas relíquias”, nas palavras dela. O comentário é uma paródia da obra da escritora inglesa Joanne K. Rowling.

Em compensação, os tempos de sucesso nas telinhas e nos palcos são intermitentes. Alguns desabafos acerca de maus momentos aconteceram recentemente, quando teria atuado na novela global “Passione”, na cena da morte da personagem Diana, de Carolina Dieckman. A Morte teria gravado um tempão e acabou nem aparecendo. Ficou indignada, também, com o filme sobre o piloto Ayrton Senna. “Fui ver o documentário do Ayrton Senna e fiquei puto. Sempre me pintam como vilão nesses filmeços”.

O mercado artístico é alvo de críticas. As dificuldades de conseguir papéis fez com que a Morte fosse para o Rio de Janeiro. “Uma semana no Rio e já apareci na Grande Família e no Junto e Misturado. Não adianta: Pro artista acontecer, ele tem que vir pra cá”, acredita.

6. Interação com os seguidores

A ceifadora do Twitter criou maneiras divertidas e já conhecidas para interagir com os usuários da rede. Promoções, informativos e endereços de suas outras contas em redes sociais são algumas delas. Resultante da repercussão que as campanhas governamentais contra o uso de bebidas alcoólicas por motoristas e da Lei Seca, a Morte criou uma espécie de serviço chamada “Lei Seca do Além”. Os tweets que recebem essa retranca informam como está o trânsito nas principais vias que ligam o Céu, a Terra e até mesmo o Inferno.

É comum que os twitteiros também sintam curiosidade de conhecer outros sites de relacionamento, como o Facebook. A Morte também faz alusão a esse costume desta geração digital, e comumente mostra seu apreço pelo “Foicebook”. Ela chama assim a sua página na rede social de Mark Zuckerberg.

Em se tratando de redes sociais, ademais, ela mantém o blog “Diário da Foice”, em que se aproveita da possibilidade de postar textos não limitados por certa quantidade de caracteres. No blog, notam-se diversos gêneros textuais. Alguns diálogos que travou com indivíduos que já levou, textos argumentando sua preferência pelo estilo “mata-mata” e não “pontos corridos” em campeonatos de futebol. Outras postagens, mesmo humorísticas, revelam muito de sua “personalidade”. A Morte, até quando está mal humorada, é engraçada. No trecho a seguir, escrito no blog em um dia em que estava estressada, escapa um gosto peculiar da responsável pelas tragédias na Terra: o apreço por novelas.

A raça humana é patética, frágil, iludida, insignificante, pusilânime, babaca, sem noção, e só digo isso porque estou de bom humor hoje. Se eu desse a real ninguém aguentaria o tranco e cortaria os pulsos agora mesmo, o que nunca considero uma má idéia, desde que vocês não façam isso na hora da novela. (“Aquela carta que você me escreveu”, postada no dia 24 de abril de 2010)

A ceifadora, atriz, DJ e promoter também possui no portfólio algumas aparições em campanhas publicitárias. Em seu último trabalho, emprestou a imagem para vender um aplicativo para Iphones, o FoiceTime (Anexo H). O slogan “Ficar de cara com a Morte nunca foi tão divertido” também foi inspirado nos típicos textos publicitários que são veiculados na grande mídia. A foto da caveirinha na tela do produto, as marcas, os

textos explicativos característicos das peças foram cuidadosamente lembrados pelo autor.

“E os ganhadores da promoção ‘Muita alma nessa hora’ são da Nova Zelândia”. A promoção, desta vez, era para sortear ingressos para um novo lançamento cinematográfico. Os seguidores que estivessem acompanhando as notícias do jornalismo cultural, automaticamente, ligariam o tweet ao lançamento da obra brasileira “Muita calma nessa hora”, dirigido por Felipe Joffily. A Morte aproveitou não somente o contexto do lançamento para soltar o comentário cômico, mas, também, da prática comum de se fazer sorteios pelo Twitter. Grandes empresas mantêm usam o site como estratégia de marketing.

Outra maneira de dialogar diretamente com os leitores é por meio do Formspring, um site de relacionamentos em que o usuário responde perguntas deixadas por outros. O endereço da Morte nesta plataforma é <http://www.formspring.me/realmorte>.

A interatividade confere ao leitor uma parcela na produção artística e narratológica. O fenômeno situa o texto nos meandros do pós-modernismo. Santos, ao comparar a obra moderna da pós-moderna, destaca a mudança “oposição ao público” que a obra fazia, para o estágio de “participação do público”. Outro ponto toca o conteúdo, que antes tecia críticas culturais e, agora, faz comentários cômicos acerca da sociedade (1997, p. 42)

6.1 O processo de comunicação

Convidado para fazer as Charles Eliot Norton Poetry Lectures pela Universidade de Harvard, em junho 1984, o professor Ítalo Calvino teve a chance de escolher o tema sobre o qual faria seis conferências. Sua paixão pela literatura o levou a destacar seis valores⁵ que, no seu entendimento, os textos do próximo milênio deveriam preservar e cultivar. Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade e Multiplicidade foram delineados nos escritos do professor, que faleceu antes de escrever sobre a sexta proposta, a

⁵ Viraram o livro “Seis propostas para um novo milênio”, 1988.

Consistência. Calvino prepararia essa última conferência quando já estivesse em Harvard, às vésperas do evento.

Quanto a esses aspectos, pode-se observar no texto da personagem, de prontidão, a rapidez, fruto da limitação à postagem de 140 caracteres no Twitter. Calvino acha que a rapidez é uma característica inerente à própria evolução do homem, da virada do milênio, das mudanças tecnológicas das quais a criação das redes sociais faz parte, e do texto também.

Economizar palavras, escolher a palavra adequada para a oração é importante. Ele mostra a importância da brevidade do texto para a construção do sentido e para a fluidez da narrativa. Um erro com relação a esse princípio seria alguém contar uma anedota e se perdesse entre os fatos e comprometesse o efeito cômico dela. É preciso rapidez, é preciso cortar o que não é necessário para atingir o objetivo da narrativa, ainda mais se for um texto propenso a divagações. Neste ponto, não difere prosa e poesia no sentido lingüístico. O autor pensa que a escolha da palavra certa, econômica é o ideal. Há palavras mudas.

A Exatidão, a nitidez do texto é outro valor indispensável para a literatura. Emendar e remendar frases quantas vezes forem precisas seria o anticorpo para o “flagelo lingüístico” que vemos na escrita em todos os lugares. Expressões genéricas, abstratas, inexatas estariam desvirtuando a linguagem. As palavras tem força, e o uso inadequado delas estaria as diluindo em um balaio inexpressivo. Podemos definir a ideia de imensidão, de vago, de indefinido de maneira sólida, intensa. A palavra nos capacita a embelezar o que há de mais insosso.

Outro conceito de Calvino retrata a imaginação, a construção da cena que será escrita no papel é feita, primeiramente, em nossa cabeça. Muitas vezes, a imaginação domina o seio lingüístico, resolvendo situações que os recursos da linguagem não dariam conta. O autor adverte para a necessidade de se fechar os olhos e imaginar, dar vazão aos caracteres pictóricos, icástica. Que a imaginação não se perca em fantasia e deslumbramento, mas que seja memorável, autosuficiente, que ajude o indivíduo a construir seu pensamento.

Para essa empreitada, o autor atenta para que o literato observe o mundo real, que abstraia, condense e interiorize essas experiências, porque elas auxiliam na

verbalização do pensamento. Cita Balzac, que teria sido um dos primeiros autores a misturar realidade e fantasia, em um período que seria o nó da história literária. Ora visionário, ora realista, o escritor fez o que Calvino descreveu como sendo a Visibilidade: transformar visões polimorfas, fantasia, imaginação em pontos, vírgulas, parêntesis, maiúsculos e minúsculos. Balzac misturou, também, realidade e fantasia em seu texto, o que o faz ser lembrados pelos teóricos do Jornalismo Literário.

Sobre a Leveza, o autor comenta que um “salto ágil e imprevisto” do poeta faz com que qualquer tema, por mais doloroso que seja, consiga permanecer entre a alma sensitiva e a alma intelectual, sem desprezo pela fatalidade, mas sendo leve. Não é preciso escrever somente sobre sonhos, fantasias, para que o texto seja leve. É o que a Morte faz ao selecionar fatos cotidianos, às vezes, dolorosos, para serem plano de fundo das piadas.

Para encerrar a série das cinco conferências deixadas por escrito, Calvino reconheceu a importância da Multiplicidade. Segundo ele, o texto pode ser uma fonte de conhecimento, de conexões entre fatos, pessoas e coisas do mundo. A literatura é uma enciclopédia. A variedade de léxicos, de níveis de linguagem e, por fim, o conhecimento em si inserem algo no real, portanto, o deformando no bom sentido. A multiplicidade de maneiras de pensar e expressar convergem nos livros modernos que o autor admira. A pluralidade de linguagens faz com que a verdade não seja parcial.

Calvino nos deixa entender que o limite do escritor é o universo, real ou não. Ele pode escrever sobre o nada com exatidão e clareza, com rapidez e intensidade. A escolha da palavra e do lugar onde encaixá-la confere poder imensurável ao autor e o capacita a isso. Os elementos que Calvino considera importantes são harmônicos entre si. Rapidez e Leveza se complementam, já que um texto pesado acaba sendo arrastado, com orações transpostas com dificuldade pelo leitor. Apesar de leve, o texto precisa ter Consistência e ser Exato. As palavras devem se encaixar perfeitamente na ideia que se quer transmitir. Visibilidade e Multiplicidade conferem riqueza ao texto. É preciso ser amplo, usar de criatividade e ter paciência para acertar. O texto precisa respeitar a informação. Ela depende dele e nós dependemos dela.

“Vídeo-proposta de como será o Fim do Mundo 2012. O orçamento pro asteróide ainda não foi aprovado. <http://j.mp/eP8CIX>”, sugeriu a @RealMorte em 21 de dezembro. O link acrescentado ao comentário remete o leitor a um vídeo do Youtube,

produzido pela Discovery Channel, que mostra um asteróide se aproximando do planeta Terra. O orçamento, o imaginário a respeito do fim do mundo, que, por vezes, está conectado à possibilidade de um corpo celeste atingir a Terra foram compactados em poucas palavras. O tweet é, por natureza, conciso, mas consegue trazer várias informações concatenadas: do sistema político, em que está inserida a atividade orçamentária à crença popular. O tweet é universal, já que se escrito em qualquer outra língua, poderia ser interpretado por estrangeiros. É da cultura da humanidade o receio de que algo prejudique a vida no planeta. O ano de 2012, assim como foi o de 2000, é alvo dos boatos e das construções imaginárias dos brasileiros, como data em que a vida humana seria extinta. O humorista se apropria desses riscos culturais para pressupor o entendimento da piada. “Não sei de onde tiraram que o fim do mundo vai ser em 20/12/12. Se 2012 passar de MARÇO vai ser sorte”, brinca.

O link, responsável por mudar o curso da leitura no ambiente virtual, traz à tona a Multiplicidade, a diversidade de conteúdo e de inferências levadas ao leitor. Os frutos da imaginação do leitor e da própria narradora ficam claros pelas palavras e, ainda, são reiterados pelo vídeo. O humorista foi capaz não somente de imaginar, mas também de solidificar o seu pensamento, tornando-o visível e audível aos receptores.

Do ensinamento de James Wood (2011, p.159), infere-se que os leitores devem desenvolver uma espécie de terceiro ouvido:

Temos de ler musicalmente, testando a precisão e o ritmo da frase, ouvindo o ruído, quase inaudível de associações históricas que se prendem à margem das palavras modernas, prestando atenção nos padrões, nas repetições, nas ressonâncias, decidindo por que uma metáfora é boa e outra não, avaliando de que forma a colocação perfeita do verbo ou do adjetivo confere à frase um caráter matematicamente definitivo.

A prosa, para Wood, é mais simples que outras artes, porque a linguagem é o meio comum de comunicação diária. Palavras simples com significações simples ajudariam na matemática da prosa. Assim, um exemplo bem sucedido citado por ele como sendo o primeiro romancista, ou seja, escritor em prosa, que se preocupou demasiadamente com a técnica, com o jogo de palavras é Flaubert. Ele é elogiado por Ítalo Calvino, no livro “*Seis propostas para o novo milênio*” (1990) também, pelo fato de saber escolher as palavras certas e ajustá-las de maneira a obter os melhores resultados. O texto perfeito seria aquele em que todos os elementos são insubstituíveis, com encontro de sons e conceitos que são os mais eficazes e densos de significado.

A Morte é estilista de sua própria comunicação. Ela cria verbetes novos, ajusta letras tal qual um arquiteto elabora uma edificação. Concisão de um lado se alia à simplicidade com que passa uma mensagem, escolhendo palavras conhecidas e colocadas de modo a se parecer uma conversa informal. Ela fala com os seus leitores possibilitando respostas, a instigá-los a estabelecer diálogo. A Morte cutuca seus leitores e os personagens coadjuvantes com vara curta. Faz comentários sobre os comentários deles, trazendo à tona um diálogo, sem travessão, e sem, necessariamente, com as falas em um mesmo bloco de texto. A fala de cada participante do diálogo fica hospedada em seu perfil, o que difere da estrutura tradicional da narrativa, em que há somente um bloco de texto. Essa dinamicidade do Twitter quebra a ordem de leitura do diálogo. O leitor pode verificar ao seu bel prazer o que acontece na rede, estabelecendo uma ordem própria de leitura. “Podem te prometer o paraíso, mas só eu posso te mostrar um AGORA, SUA LINDA! #cantadaspower”, twittou fazendo alusão a outro perfil famoso no Twitter, o @Pedreiro_online, difusor de cantadas e do vocativo “sua linda” na rede. Esse tipo de frase pode suscitar respostas de seguidoras, que sempre legitimam a brincadeira.

As construções lingüísticas que a Morte usa para obter o efeito cômico de seu texto precisam ser decodificadas e interpretadas pelos leitores. As paródias, os trocadilhos, as citações de músicas e ditados populares que pautam o trabalho do humorista dependem do que Eunice Trevisan chama de “conhecimento prévio”. Ela elucida a observação de Koch e Travaglia (1990, p.65) de que “todo texto é assemelha-se a um iceberg. Tal comparação faz refletir sobre os elementos que interferem na compreensão e constituem toda uma realidade “submersa”, que vai além do próprio texto.” (1990, p. 13, 14)

O conhecimento prévio é derivado da memória, processado a partir de vivências, experiências e paradigmas. A decodificação pura da língua, por si só, não é suficiente para a compreensão da mensagem que passa qualquer escritor, mas de como o receptor consegue dar sentido a essa informação. Quando a Morte tweeta uma paródia de um ditado popular, por exemplo, está contando com o aspecto da identidade social, com o conhecimento que uma coletividade tem para se fazer entendido. De qualquer forma, seu tweet contribui, também, para a preservação dessa identidade. Trevisan coloca as artes como um meio de preservação e construção da cultura, da nossa identificação social.

A leitura é a construção do sentido. A compreensão, segundo Trevisan é um processo dialógico e não passivo: o autor faz sua proposta através do texto e o leitor tenta entender, decifrar o que está sendo veiculado, mediado por seus conhecimentos lingüísticos e pessoais. Mudam-se as experiências, altera-se a cognição (1992, p.111).

7. Alicerce narrativo

Há de se discutir a respeito dos elementos da estrutura consagrada da narrativa, pensada por teóricos como Vladimir Propp, Tzvetan Todorov, Roland Barthes e outros. Os formalistas russos, como Todorov, entenderam a narrativa como portadora de dois princípios: o da sucessão e o de transformação, explicados por Franci de Moraes⁶:

As mudanças ou transformações, próprias da narrativa, recortam o tempo em unidades descontínuas. Pelo princípio da sucessão, entende-se o encadeamento de unidades descontínuas. Do princípio da transformação, depreende-se que a natureza das transformações é variada, sendo que seu paradigma é a negação ou oposição (passagem de A para não-A). Em síntese, a relação entre as unidades ou elementos da estória é a de sucessão e a de transformação.

Gonzaga Motta também entende narrativa como um “suceder temporal, encaminhado a um desfecho” (2005, p.7). É possível extrair do perfil no Twitter em análise uma sequência narrativa, mais ou menos como a pensada por Todorov e Motta. Por mais que seja desenvolvida de modo muito segmentado, qual seja em postagens de apenas 140 caracteres de texto cada, a personagem-narradora conta episódios de uma mesma estória: sua vida, ou para evitar paradoxos, sua existência. A atividade da Morte na rede é semelhante, mas não exatamente, à que é feita em um diário. Os relatos que contam ao leitor o que ela faz, com quem interage, o que sente e o que pensa, se fossem unidos, poderiam perfeitamente desencadear uma sequência narrativa. Caso fossem ordenados em um mesmo bloco de texto, em prosa, ligados por termos de coesão e coerência, as postagens formariam uma narrativa tradicional, com personagens, ambientes, tempos, conflitos e resoluções desses conflitos. A narradora, de imediato, já continuaria sendo a protagonista, que usa primeira pessoa no discurso.

O que torna o objeto de estudo especial, intrigante, é justamente essa estrutura da rede social, que não é empecilho para que o humorista construa um enredo. Com várias particularidades, reconhece-se a base teórica tradicional no trabalho contemporâneo, pós-moderno e criativo. Para Santos, o pós-modernismo está ligado à decadência de valores e instituições ocidentais (1997, p.72).

⁶ Em artigo publicado dia 24 de fevereiro de 2004, no site do Observatório da Imprensa. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=265DAC002>

Entre esses valores, está a religião e, naturalmente, a submissão do homem aos dogmas. A Morte quebra o silêncio do luto, cânone da religião. Ela conta vários fatos, que, juntas, poderiam formar uma só macroestória.

7.1 Os elementos da narrativa

7.1.1 Personagens

A personagem principal, de acordo com Syd Field (2001), precisa ser formulada de modo a responder a alguns questionamentos. Quem é, o que faz, é satisfeito com o estilo de vida que tem, tem ambições, tem medos, carências, que sentimentos apresenta? Já sua relação com outras personagens deve ser de antagonismo, ou de amizade ou indiferença. Assim, deixa claro que a “essência do personagem é a ação” (2001, p.22). Ela vai transpor obstáculos para atingir um fim, e vai agir de acordo com princípios que a caracterizam.

A criação da Morte, figura já apresentada no capítulo 5, obedece a receita de Syd Field. Ela é uma personagem alegórica. Segundo Domício Proença Filho, alegoria é “‘falar, dizer do outro’, em grego. Na linguagem narrativa, se configura quando a representação do todo se caracteriza através das partes dessa totalidade” (1988, p. 71). A Morte tem traços psicológicos e comportamentais humanos, mas é imortal. Sua aparência é a de um esqueleto, que é parte do corpo humano. É alegoria de sua profissão. É a personificação de um fenômeno, algo abstrato. Esse tipo de construção é bastante comum nas fábulas, que são narrativas fantásticas.

Os outros personagens, por sua vez, serão divididos em duas categorias: os que existem na vida real e são ou não caricaturados no Twitter – ou seja, são humanos - e os que são representações de seres não humanos, como as divindades ou o próprio Capeta. Devido à recorrência de citações feita pela @RealMorte e importância nos fatos contados pela narradora, as personagens do primeiro grupo podem ser representados pelos dois principais: @ONiemeyer, que tem perfil reconhecido no Twitter e Zé Alencar, que não tem um perfil citado e reconhecido pela Morte na rede. Já o outro grupo, dos seres do Além, pode ser representado pelo @OCriador e pelo @RealCapeta. A rede social permite, ainda, algumas interações momentâneas, esporádicas, com o leitor comum e outras personalidades que possuem conta. São personagens que cruzam com a @RealMorte em algum momento, mas que não desempenham sozinhos uma

função relevante para a narrativa. Juntos, entretanto, elucidam o modo com se dão as interações no site, a essência do modelo de comunicação ali estabelecido. Há muita momentaneidade e amplitude nos diálogos.

O @ONiemeyer acaba figurando como uma espécie de antagonista principal. Pelo fato de a trama colocar Morte como carismática, central, há uma inversão nos papéis. O ser que deveria agir como suposto antagonista nas histórias e contos comuns, troca de posto com outras personagens. Define-se mais uma característica da narrativa em questão: a ausência de um vilão nos moldes tradicionais. O embate entre @ONiemeyer e a @RealMorte é saudável, tem como resultado o riso. O antagonismo entre os seres vivos e a ceifadora experimenta uma fórmula diferente, que gera conflito, mas que não passa de uma tensão “agradável”. Em novembro, o @ONiemeyer disse que projetaria o Museu da Morte. Retrucando, a ceifadora twittou: “Caro, @oNiemeyer, a sua idéia para o meu museu é grosseira e de mau gosto. APAGUE JÁ este tweet senão não respondo por mim!” Em seguida, esclareceu sua indignação: “Quer fazer o “Museu da Morte”. Mas me convidar pra dar palpite no projeto, NEM PENSAR, NÉ?”

O Zé Alencar faz um antagonismo à parte. Não há entre ele e a Morte um diálogo explícito, já que o político não é usuário conhecido no ambiente do Twitter. Ele é a personagem que, quantitativamente, mais venceu a Morte, que mais teve batalhas com ela. Cada uma das internações a que se submetia para tratar o câncer no abdome representava para a história um ponto de tensão, que se resolvia positivamente para o humano. “Gente, se o José Alencar chegar numa conversa de surpresa, nunca digam “Zé, você não morre mais!”. As palavras tem poder, sabe...”.

No entanto, no dia em que o político faleceu, um ponto de inflexão marcou a narrativa. A Morte, finalmente, triunfou sobre um dos personagens principais. O falecimento de Zé Alencar, no entanto, não foi o fim de sua participação na trama. A Morte twittou sobre cenas *post mortem* do ex-vice-presidente, quando o avistou na fila para reencarnação.

As personagens do Além não fazem antagonismo à Morte. O @OCriador é o chefe da caveirinha e, apesar de ela reclamar muitas vezes das condições de trabalho, não há um embate entre eles. Pelo contrário, a Morte o respeita e busca uma relação amigável. “Caraca, demitiram o comediante americano que fez piadinhas com o tsunami

no Twitter. E agora o @oCriador me mandou uma DM. CAGAÇO!”, mencionou o Todo Poderoso em março.

O @RealCapeta, que, para os humanos, não seria uma figura querida – apesar de que é necessário ressaltar que ele também faz humor no Twitter e é bastante seguido – para a @RealMorte é um sujeito qualquer, alguém que termina o trabalho por ela começado. Ela leva o sujeito até o inferno e o entrega ao Capeta. Em tons irônicos e debochados, ela já fez dirigir alguns comentários ao chifrudo. “Caro @realcapeta, feche a porta do inferno. Tá difícil pra caralho trabalhar assim”, direcionou-se ao personagem no dia 20 de dezembro, por causa do calor.

É interessante até mesmo a construção simbólica do Capeta e do inferno no Twitter. A dedicação ao humor quebra os paradigmas negativos oriundos da religião, fazendo com que o imaginário e o ludismo do leitor e dos autores dos perfis superem preconceitos e aversões.

7.1.2 Cenários

Quanto aos ambientes, além dos já citados locais de trabalho, como Oriente Médio, favelas brasileiras, o Hospital Sírio Libanês e outros locais com conflitos crônicos, a Morte se refere a locais não necessariamente reais, mundanos. O céu, as nuvens, o inferno, o limbo e toda gama de “estradas” que interligam essas localidades são bem conhecidas pela ceifadora. Ela pegaria o indivíduo e, ao retirar-lhe a vida, o deixaria em um desses destinos conhecidos da religiosidade cristã humana. Eles formam o frequentemente citado “Além”, o plano espiritual. O serviço “Lei Seca do Além”, por exemplo, auxilia os indivíduos que precisam transitar entre esses lugares. Segundo a Morte, até nessas estradas há engarrafamentos e blitzes.

Assim como a existência de personagens reais e fictícios, a integração entre o mundo real e o imaginário enriquece o trabalho de humor. É sondando a criatividade e a sensibilidade do leitor para aceitar o lúdico que a Morte cria um processo mimético. Grande parte da realidade retratada é a mesma realidade mundana. Quando aparecem os ambientes frutos da imaginação, o leitor continua se identificando com a criação, já que eles são vigas da cultura ocidental, basicamente cheio de referenciais cristãos. Além da semelhança entre os mundos real e da obra, há verossimilhança, coerência no que é

postado. Assim, o legado aristotélico em “*Arte Poética*”, é válido: “deve-se preferir o impossível crível ao possível incrível” (2007, p.93)

7.1.3 Narrador e foco narrativo

O foco narrativo está em primeira pessoa, feito pela personagem central, a dona do perfil. A narradora desvenda nos tweets, as suas impressões, seus pontos de vistas, tornando-se, assim, uma espécie de câmera. Como dizem, o narrador é uma câmera e, sob suas lentes e ângulos, temos acesso ao mundo retratado.

Inferre-se da leitura de Antônio Cândido, no livro “*A personagem de ficção*” (1968, p.48), que a *mimesis* produz efeitos catárticos nos leitores, que acabam se projetando ou se identificando com elementos da obra:

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação.

A assertiva de Cândido pode ser aplicada, não somente, à esfera que integra leitores e personagens, mas também à relação entre autor e obra. Espera-se de um publicitário criatividade, habilidade para lidar com as palavras e muita atenção aos acontecimentos cotidianos e às transformações do ser humano e da sociedade. É natural que um autor imprima seus pensamentos em sua obra, consciente ou inconscientemente. Por esse motivo, há de se falar na caracterização arquetípica que a personagem-narradora deixa transparecer. Como dito, ela carrega dose alta de humanidade e, mais que isso, muita brasilidade.

Caso se retirasse toda a parte em que se constrói a personagem @RealMorte e restassem os comentários em essência, com a contundência crítica e jovial, a “bio” do perfil poderia, sem dúvidas, ser assinada pelo publicitário. Aparentemente, a ficção é quem afastaria o autor da narradora. Fora ela, há muita probabilidade de os pensamentos da Morte serem bem parecidos com os do paulistano. A Morte é criativa, lida bem com as palavras, é bem informada. Tem facilidade para interagir na rede e lidar com a tecnologia. Conhece bem os ditados e ritos populares. De maneira explícita, faz comentários em que mostra sua revolta com a política que tem sido feita no Brasil, com

a malandragem e a falta de bom senso que integram os casos de corrupção, por exemplo. Deixa claro, também, o descontentamento com os preços, trânsito, eventos, estilos musicais e obras cinematográficas. A sátira é um meio legítimo usado para mostrar esse descontentamento. Por trás disso, há um sentimento de querer melhorar o que não está funcionando bem e a Morte não esconde isso. Ajuda a divulgar campanhas, projetos sociais, critica guerras. Em fevereiro, fez um comentário sobre outro político que “persegue”: “Gente, eu prometo pra vocês: de 2020 o Sarney NÃO PASSA!”. Sobre o conflito no Egito, que ganhou as páginas dos jornais em janeiro, postou: “Até perdôo o ditador do Egito por matar opositores e censurar jornais. Mas mexeu com o TWITTER mexeu COMIGO!”

A Morte, como percebe-se, não deixa de usar tom irônico e nem negligencia sua função ao se posicionar ao lado do cidadão. Até mesmo sobre questões político-sociais ele redige um texto em que mostra quem ela é, mantendo a coerência de sua publicação. A ideia do autor segue o costume que artistas e pessoas que ficaram famosas no próprio Twitter de ajudar na divulgação de campanhas importantes. sérias. Eles são mais seguidos e possuem fãs que, geralmente, replicam seus comentários. “Gente o @HEMORIO precisa da sua ajuda. Colaborem pra DIMINUIR O MEU SERVIÇO! Agende: 0800 282-0708”, ajudou na campanha para doação de sangue.

Sem descaracterizar a personagem, que é a máscara com a qual assina os tweets, é muito provável que o paulistano seja contemplado pelas postagens que faz. Ele teve de inventar, conceber a Morte como contadora e criadora das pílulas narrativas. Como diz Calvino: “O autor é na medida em que entra num papel, como ator, e se identifica com a aquela projeção de si próprio no momento em que escreve” (2009, p.376) e “A linha de força da literatura moderna está em sua consistência de dar a palavra a tudo aquilo que, no inconsciente social ou individual, permaneceu não dito” (2009, p.209). Talvez, o autor não precisasse da personagem para dizer o que pensa, até porque, neste caso, ele não poderia apelar para um codinome, que não demanda tamanho esforço criativo para sustentar a complexidade de sua personagem e de tudo que a envolve. Acontece, mesmo assim, que a na fala da personagem ecoa a voz do autor: cidadão brasileiro, não ocupante de cargo no poder público, habitante da maior cidade do país e que padece com todos os problemas decorrentes disso, adulto. Chefe em uma empresa da área de comunicação, mas também submetido a uma chefia. A Morte, aparentemente é arquétipo de um brasileiro médio, como o seu próprio criador.

7.1.4 Tempo

A narrativa no Twitter evolui de acordo com o tempo cronológico dos humanos, o nosso calendário é também o calendário da estória. O tempo organiza a narrativa, a torna passível de entendimento. Não há limites de postagens diárias no site, os usuários tem liberdade para atualizar como quiserem os seus perfis. A Morte costuma publicar mais de uma vez por dia, principalmente quando há episódios marcantes, como os conflitos, chacinas, ou mesmo perda de personalidades conhecidas. Abaixo de cada postagem, a plataforma do site coloca data e hora em que foram publicadas. O tempo da narrativa, ou seja, “tempo fictício”, coincide com o real.

A narrativa está sob a perspectiva da Morte, e, conseqüentemente, o leitor fica a mercê da narradora para ter percepção de tempo. A linearidade está presente no Twitter, mas a construção da sequência dos fatos é intermediada pela independência dos tweets. Raramente, um tweet dá continuidade ao que foi escrito no anterior. Muitas vezes, após uma referência a um acontecimento do mundo é seguida de uma paródia com uma música, por exemplo. A escolha é aleatória, mas as músicas, ou as promoções e serviços feitos pela Morte dinamizam o perfil, o tornam ainda mais leve. “🎵 Atrás do trio elétrico 🎵 Só não vai quem eu já levei... 🎵”, parodiou Caetano Veloso no mês do carnaval.

Outro dia, comentou sobre as artes milenares chinesas: “As artes marciais chinesas nasceram de meras cotoveladas de “chega pra lá, cara”. Com o aumento da população tiveram que aprimorar”. É costume da Morte apresentar curiosidades como essa. Com o episódio de chuvas de granizo em São Paulo, ainda em fevereiro, brincou, incentivando São Pedro: “Com granizo em SP é o seguinte: Pardal vale um ponto. Pombo vale dois. Rato vale cinco. Gente: 10 pontos”.

O *flashback*, usado em romances, também é observado na narração da caveirinha. Ela usualmente publica lembranças, comentários regados a nostalgia, saudade. Ela leva o leitor a épocas remotas, mostrando conteúdos de sua memória e a técnica, em momento algum, desvirtua a ceifadora de seu foco, do seu trabalho de perseguição aos personagens: “Os melhores anjos-da-guarda eram os da família Kennedy: tudo anjo gente boa, nunca me complicava o serviço. Saudades” (sic), disse no dia 18 de novembro. Já em fevereiro, lembrou uma data importante: “O Big Bang completa 15 bilhões e 961 anos hoje. Parabéns, universo. #BigBangDay”.

7.1.5 Enredo

Espera-se que uma narrativa possua, pelo menos, uma sequência trinar básica (MOTTA, 2005, P.46), com início, desenvolvimento e final. É no elemento “Enredo” que a narrativa no Twitter mais apresenta peculiaridades. Tudo que se sabe sobre a personagem e os fatos envolvidos a ela se trata de um recorte no tempo. A estória começa quando ela cria o perfil no site de relacionamentos e, possivelmente, acabará quando ela fechar a conta, quando o autor desistir de continuar o trabalho que vem fazendo. Parece óbvio, mas a plataforma é decisiva para o enredo da narrativa.

O humorista pode, simplesmente, parar de publicar as piadas repentinamente. É uma escolha que um autor de livros não poderia ter, a não ser que tenha planos de continuar a estória em outro volume. Por mais que o desfecho seja bruto, atípico, ele é importante para a avaliação do leitor ou do público da obra. Nesses casos, se trata de uma estética diferente, de uma escolha do autor. No caso do Twitter, esse corte abrupto não marcaria negativamente a obra, já que o leitor espera que, ora ou outra, a conta será fechada ou abandonada. As redes sociais tem suas fases. Assim como o Orkut teve o auge, o recorde de contas, o Twitter está perdendo espaço para o Facebook e outros sites. O usuário da rede é o responsável por essa migração, ela é natural.

O que interessa para esta parte da análise é, então, deixar claro o desnível em relevância que há entre as partes da estória da Morte. O desenvolvimento do enredo é, indubitavelmente, mais importante que o desfecho, até porque há possibilidades de o último não ser formulado. Não há como dizer se o autor dará um final – feliz, triste, surpreendente- à Morte e aos outros personagens. Cada personagem que tem um perfil no Twitter depende de seu criador para ter um fim. Ele faz parte da narrativa da Morte, mas tem sua própria existência em outra página e não deixará de existir se o perfil da ceifadora for extinto.

Cabe ao humorista decidir se vai, em algum momento, começar a postar mensagens que dêem a entender que finalizará seu trabalho. Ele pode, como já dito, simplesmente abandonar a conta. Não interessa a maneira como os seguidores se despedirão da trama narrada pela Morte, já que há um entendimento prévio de que essa incerteza é inerente ao Twitter, assim como a escolha que o twitteiro tem de definir a quantidade de postagens diárias.

Percebeu-se que, para a narrativa em questão, a morte não representa a saída do personagem da estória, vide o que aconteceu com o Zé Alencar. A morte, que é um desfecho típico para o encerramento da narrativa, ou de uma participação nela, não exerce essa função no objeto deste estudo. O desfecho é, portanto, uma incógnita ainda e, conseqüentemente, o estágio em que a narrativa está é o desenvolvimento. A estória da Morte se passa no presente, e vai se delineando dia a dia. Aparentemente, toda postagem serve à construção da protagonista, como se o processo não acabasse, fosse infinito.

O clímax, por sua vez, está diluído nos tweets. E são vários. Há momentos de tensão na história pessoal da narradora e na sua carreira. Os personagens não tem obrigação de se relacionar entre si, mas somente com a Morte. O seu encontro, ou quase encontro com a protagonista é que marca sua presença no enredo. O leitor pôde identificar pontos de tensão nos tweets, por exemplo, nos momentos em que o Zé Alencar era internado. O desconhecimento acerca do destino da personagem (tanto real, quanto fictícia), se ele viria a falecer ou não, gerou tensão no leitor. Outra expectativa criada que ficou clara foi sobre o que a narradora comentaria quando a morte da personagem acontecesse de fato. Outra tensão, surpresa que a qualquer momento poderá acontecer é o falecimento do arquiteto Oscar Niemeyer, que para a ficção do Twitter, seria outro ápice narratológico.




Com o recorte no enredo feito por este trabalho, selecionaram-se momentos relevantes para a narrativa. Entre novembro de 2010 e março de 2011, destacam-se:


- 02 de novembro: Dia de Finados e, portanto, aniversário da Morte (Ver anexo D). Em uma das postagens sobre o fato, ele diz: “Na minha festa, o pessoal mais fresco é o do paraíso, o do limbo não cheira e nem fede e o do inferno é bagaceira TOTAL!”
- 08 de novembro: Dia Mundial do Urbanista: “Parabéns a @oNiemeyer pelo dia mundial do urbanista. Vamos tomar um chopinho hoje pra comemorar? #vaiquecola”
- 12 de novembro: Zé Alencar é internado: “José Alencar sofreu infarto? Já nem ligo mais. Se fosse antigamente eu sairia correndo. Maturidade é

isso, gente”. Também comentou: “Agora quando ouço "José Alencar é internado" respiro fundo e conto até dez. Isso me fez ME AMAR mais como pessoa, sabe?”

- 20 de novembro: Acidente em mina na Nova Zelândia: “Poatz! Vou ter que dar um pulo na Nova Zelândia. Mas deixei o pessoal do Sírío-Libanês avisado pra me passar um rádio”.
- 21 de novembro: Show do Paul McCartney no Brasil: “No meio do show do Paul me avisam que na Record apareceu um cara com 116 ANOS! Estragou minha noite e “O pior de "Live and let Die" é que eu só entendo o título. Eu parei no segundo ano do CCAA”.
- 25 de novembro: um dos dias do período conturbado pelo qual passou o Rio de Janeiro, devido à ocupação dos morros pela polícia: “Estou ADORANDO a agitação do Rio, a vida, as pessoas. Tô pensando até em me mudar do Haiti pra cá” e “Já vi até alguns apartamentos pra alugar, mas os preços aqui estão pela minha hora”.
- 29 de novembro: Morte do ator Leslie Nelson: “Meu sonho era ver o Leslie Nielsen sendo dirigido pelo Blake Edwards... CALMA! Só estou pensando alto” e “Neguinho reclama que pego no pé da comédia, mas ninguém se toca que eu levei apenas UM dos SEIS Monty Python. Não tá bom?”, em referência ao grupo britânico que criou o Grim Reaper, personagem que inspirou o autor do Twitter.
- 10 de dezembro: Dia do Arquiteto e Niemeyer apresenta sua primeira composição musical: “Hoje é o dia do arquiteto. E eu quero que se dane.#niemeyerfeelings” e “Eu vi o nome do @oNiemeyer nos TTs e pensei "É HOJE!" mas é só por causa de umas musiquinhas aí...”.
- 13 de dezembro: começa a comentar sobre o aniversário do arquiteto Oscar Niemeyer: “Um tarólogo me disse em 2009 que em 2010 um

centenário iria sucumbir, achei que era o @oNiemeyer. Agora sei que era o CORINTHIANS” e “Silvio Santos com 80, Hebe homenageada, José Alencar passa bem, Niemeyer fazendo 103... ACABA LOGO 2010”.

- 15 de dezembro: Aniversário de Niemeyer: “Passarei o dia na Ásia. Portanto qualquer mensagem sobre o aniversário DE ALGUÉM será solenemente IGNORADA! Grato.#putaço” e “Não me encham o saco pelo @oNiemeyer. Aquele aqui que nunca deixou serviço atrasado na mesa que levante a mão.”
- 18 de dezembro: Um dia comum, mas com um comentário interativo atípico: “Minha foto de colégio. Duvido que vocês me achem.


”.
- 23 e 24 de dezembro: Já vinha twittando sobre o Natal. Falece o maestro Zezinho, do SBT, e o político Quéricia: “A esta hora, 2010 anos atrás, os cinco reis magos partiam em sua jornada. Sim, eu sei que vocês só falam dos três que chegaram..” e “Check-list do SBT: Lombardi, confere. Gibe, confere. Maestro Zezinho, confere. Hebe... espera. Cadê a HEBE?”.
- 25 de dezembro: Natal: “Eu e toda equipe do Sírio Libanês, aqui de nosso plantão, desejamos um FELIZ NATAL a todos”.
- 31 de dezembro: Reveillon, sorteio da Mega-Sena da viarada e véspera da Posse Presidencial: “Caro Zé Alencar: se quiser ver a posse da Dilma DE PERTO a gente dá uma passada lá antes de subirmos. Topa?”; “Falando sério: se eu ganhar a mega-sena da virada eu dou um bico nessa foice” e “Ano novo, vidas novas”.

- 14 de janeiro: faz referência à nova edição do Big Brother Brasil, que foi ao ar no mesmo mês: “O BBB leva três meses para eliminar uma dúzia de pessoas?! Tenho só uma palavra pra isso: AMADORES”.
- 01 de fevereiro: Alusão ao conflito no Egito, para retirada do ex-ditador Mubarak: “PLANEJAMENTO: Marcha de um milhão no Egito X Exército ao lado do ditador. Hummm... cadê a calculadora?”.
- 02 de fevereiro: Morre um membro do grupo musical brasileiro Fat Family: “TRIVIA: Adivinhe qual membro do Fat Family virou fantasminha hoje: ☹ ☹ ☹ ☹ ☹ ☹ ☹ ☹”.
- 09 de fevereiro: Zé Alencar é internado novamente: “Uploading José Alencar ... 99% complete
 PQP, SEMPRE TRAVA!”.
- 21 de fevereiro: Período de confusão na Líbia: “Está sendo um prazer reencontrar na África meus colegas de equitação, @realFOME e @realGUERRA. Adoro vocês! Bjs”.
- 27 de fevereiro: Morre o escritor Moacyr Sciliar e Cerimônia do Oscar 2011: “Gente, se serve de consolo, a cadeira do Moacyr Sciliar na Academia Brasileira de Letras fica DO LADO da do Sarney. Foi por pouco” e “Um dia ainda hei de falar ‘the Oscar Niemeyer goes to... ME!’”.
- 06 de março: Semana do Carnaval: “Meu bloco preferido? Uma LÁPIDE” e “A idéia de usar um tubarão real na piscina do carro alegórico foi minha... O quê? Não avisaram o cara da piscina?”. Destaca-se, neste último carnaval, o tema da escola de samba Unidos da Tijuca: “Essa noite levarei sua alma”.

- 12 de março: Terremoto e tsunamis no Japão: “Vejam o outro lado: o tsunami no Japão foi a hora em que os peixes puderam tirar satisfações cara a cara por séculos de SASHIMI! (pronto!)”. Durante todo o mês, os jornais repercutiram a tragédia, e a Morte também: “Putz, minha semana de trabalho já começou... @G1 Agência meteorológica japonesa dá alerta para possível tsunami”, disse dia 27 de março.
- 29 de março: Zé Alencar é internado e falece: Com a notícia da internação, a Morte tweetou: “Sim, sim, já estou no Sirio. Até me fotografaram tomando ar lá fora hoje. <http://twitpic.com/4ee9hp> (Ver anexo G)”. Após a notícia da morte, outros comentários vieram: “Caro José Alencar: você foi um adversário que valorizou esta conquista. Parabéns e obrigado”; “José Alencar ☒ check! (NEM ACREDITO!)” e “Tá com MEDINHO! @ONiemeyer O primeiro a fazer piadinha falando que o José Alencar trocou de senha comigo, é block!” (diálogo com o @ONiemeyer).

7.2 Outros elementos

A professora Cândida Vilares Gancho (2002) estabelece fronteiras nítidas entre três elementos que não fazem parte, necessariamente, da estrutura de uma narrativa, mas sim do discurso presente nela. Tema, Assunto e Mensagem⁷ compõem a consistência da informação passada aos leitores.

“O Tema seria a idéia em torno da qual se desenvolve a história. Pode-se identificá-lo, pois corresponde a um substantivo (ou expressão substantiva) abstrato(a). Assunto é a concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo. Pode-se identificá-lo nos fatos da história e corresponde geralmente a um substantivo (ou expressão substantiva) concreto (a). Mensagem é um pensamento ou conclusão que se pode depreender da história lida ou ouvida. Configura-se como uma frase”.

O tema da narrativa coincide com a representatividade que a função dela tem para o enredo. O tema que permeia todos os tweets é a morte, enquanto fenômeno. Já o assunto, que segundo o conceito é modo como aparece na obra, seria a piada, molde

⁷ A informação é de uma tese hospedada no site da Puc-Rio, mas que não contém o link das páginas que identificam autor e título do trabalho corrompido. O capítulo estudado está disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0410891_06_cap_05.pdf

discursivo, retórico, no qual a personagem apresenta o tema. Já a mensagem, discutida no capítulo 8, tem a ver, essencialmente, com a maneira de lidar com o fenômeno. Poderia ser resumida pelo último tweet coletado para a análise, em que a narradora diz: “A vida não é uma piada. Quem a leva a sério demais é que é”, publicado em 31 de março.

8. As referências do “pai” da @RealMorte

Para Antônio Cândido e outros, no livro “*A personagem de Ficção*”, a construção de uma personagem tem que apresentar um mínimo de traços psíquicos, de complexidade, de atos e ideias (1968, p.59-60). O artista paulistano, que não foge à regra, contou à autora sobre alguns dos trabalhos que mais o influenciaram na sua leitura da Morte:

“Minha maior inspiração foi o Grim Reaper, do grupo Monty Python em “O sentido da vida”, e na leitura de Neil Gaiman que criou, na minha opinião, a melhor Morte de todas. Antes de criar o @RealMorte, encontrei alguns sites e perfis no Twitter com o mesmo personagem, mas todos eram excessivamente infantilizados, ou ligados a grupos de rock com caveirinhas simbólicas, e muitas vezes sem perfis definidos, que não exploravam todas as possibilidades ou desperdiçavam a riqueza do personagem do ceifador”. (Humorista, por email).

A obra mais conhecida de Neil Gaiman é a história em quadrinhos chamada “*Sandman*”, que tem como personagens principais os irmãos Perpétuos. Os irmãos eram, além da Morte, Sonho (protagonista), Destino, Delírio, Desejo, Desespero e Destruição. *Sandman* é a personificação antropomórfica do Sonho, também é conhecido como *Morpheus*, em referência à mitologia grega. Na trama, a Morte se encontra com cada mortal duas vezes em sua vida: no nascimento, e na morte. Ela estaria fadada a ser o último a existir, já que tiraria a vida de todos antes. Ela sempre se veste com roupas góticas e carrega um colar na forma de *Ankh*, ironicamente o símbolo egípcio da vida. Tem cabelos negros, e pele muito pálida, característica comum a todos os irmãos. A personagem é bastante otimista e bem humorada. A cada cem anos, viveria uma experiência que a ajudaria entender melhor sua função: por um dia, viveria como um mortal, para falecer ao final dele.

Neil Gaiman escreveu duas mini-séries a respeito da personagem, já que em *Sandman*, ela era apenas coadjuvante. São os títulos “*Morte, O Preço da Vida e Morte*” e “*O Grande Momento da Vida*”, ambos desenhados pelo canadense Chris Bachalo. Neste último filme, a Morte encontra Sexton Furnival, um jovem que queria se suicidar, mas que desiste da ideia para acompanhar a ceifadora. O adolescente a vê como uma jovem, cheia de ideias extravagantes, bem viva. O episódio faz alusão à história em quadrinhos, especificamente, no dia em que a Morte se torna mortal por um dia. Além do bom humor e do otimismo, características fundamentais da Morte brasileira, o

modo como ela se reflete juventude nos seus atos também pode ser destacado como semelhanças entre as personificações. Esses traços são essenciais para delinear @RealMorte.

Já o filme “O sentido da vida” – “*Monty Python’s The meaning of Life*” é uma produção de 1983, dirigido por Terry Jones. O *Monty Python* era grupo de comediantes da TV britânica, que começou a trabalhar na BBC de Londres, em 1969. Era composto por: John Cleese, Terry Gilliam Graham Chapman, Eric Idle e Michael Palin, além do já citado Terry Jones. Os seis estrelaram e escreveram o filme, que era dividido em capítulos. A comédia foi agraciada, no mesmo ano de lançamento, com o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes.

O *Monty Python* satirizava, em suas produções, instituições que fazem parte da vida comum dos britânicos, como a igreja, a medicina, o militarismo. Figuras importantes como o Rei Arthur, símbolo máximo da nobreza, justiça e coragem britânicas (*Monty Python e o Santo Graal*, 1975) e Jesus Cristo (*A Vida de Brian*, 1979) também foram alvos do humor corrosivo da trupe.

A @RealMorte herdou a aparência física da personagem dessa série, o Grim Reaper (como é chamada, também, a personificação da morte em inglês). A aparência das duas personagens é a de um esqueleto carregando uma grande foice e vestido com um manto preto que possui capuz. “Merda. Desliguei o ar condicionado e tô suando até os ossos![#horadoplanetamyass](#)”, reclamou no dia 26 de março. O comentário é interessante por dois motivos. Primeiramente, quem a acompanha no Twitter e já viu as imagens que ela publicou de si mesma pode imaginar a cena, que seria bastante cômica. A ceifadora é uma caveira, mas se apropria da frase tipicamente humana e brasileira para tecer seu comentário. Por fim, a maneira desbocada de falar, inclusive usando termos chulos na hashtag, elucida a juventude e o bom humor da personagem.

Em uma cena de “O sentido da vida”, o Grim Reaper bate à porta de uma casa, onde uma família está jantando. Ao invés de levar uma só pessoa, acaba enfurecido com o descaso dos personagens e leva todos. A Morte tem voz grave, fala vagarosamente, o sotaque do inglês britânico ajuda na encenação pomposa que ela faz. A cena é cômica, já que apesar da pompa, há a ingenuidade da família que está jantando. Uma das

personagens mulheres (interpretada por um ator) a convida para entrar. Quando percebe a estranheza daquele ser, um dos homens presentes tenta atirar nele, tentativa que fica em vão. A impaciência da Morte, percebida pelos gestos, pelo modo como levanta o dedo e deixa mostrar a mão cadavérica, o jeito como se volta para cada um dos participantes como se estivesse pensando quem merecia ir, se contrasta com os abobalhados seres humanos. O resultado é uma cena leve, mesmo se passando à noite, com cenário de época e um personagem que tenta ser sombrio, malvado, mas que não é respeitado pelos personagens ingênuos. Só é entendido pelo espectador.

A Morte do Twitter também é alvo das brincadeiras de seus interlocutores, tanto os leitores, quanto o personagem Niemeyer. Há comicidade no fato de ela não ser respeitada como figura suprema, que tem algum poder sobre os meros mortais. Da mesma forma que a família não leva à sério quando o Grim Reaper se intitula como a temida “*Death*”, o Niemeyer direciona comentários à @RealMorte como: “103 anos... CHUUUUUUUUUPA, @realMORTE” (postado dia 15 de dezembro). Na ocasião, a Morte respondeu: “O que falta às vezes por aqui é NÍVEL”.

8.1 Morte e Cultura

Lidamos mal com a morte. É impreciso explicar os rituais funerários, os enterros somente pela questão utilitária, para que se evitem patogenias resultantes da putrefação dos corpos. De acordo com o professor José Carlos Rodrigues, algumas sociedades enterram o ente antes mesmo de ele morrer (1979, p. 53). O enterro seria uma forma de colocar a morte em seu devido lugar, para que não atrapalhe a ordem social. Olhando criticamente alguns protocolos, fica clara a rejeição que se tem ao tema. Nos interiores do Brasil, há ainda muitos casos em que o ente é velado em sua própria casa. Na ocasião, eles são colocados com os pés voltados em direção à porta. Mais que isso, lugares propícios à cerimônia foram criados, como as capelas e os próprios cemitérios, como maneira de reservar o lar dessa incumbência.

João José Reis traz o exemplo da evolução do imaginário francês. Na Idade Média, houve um período em que as pessoas começaram a lidar com os mortos com maior proximidade. A separação entre vida e morte, sagrado e profano, cidade dos vivos e cidade dos mortos não era tão radical. Reis explica, que, mesmo neste período, a

morte inspirava temor, ainda mais a que era repentina, trágica, e, sobretudo, sem funeral e sepultura adequados. Temia-se os que padeciam de indigência, já que acreditava-se que o funeral é o rito de passagem do morto ao plano espiritual. “Mas desde que os vivos cuidassem bem de seus mortos, enterrando-os segundo os ritos adequados, eles não representariam perigo espiritual ou físico especial” (2009, p. 74).

Em diferentes povos, o trato com a morte é radical. Os indivíduos são proibidos proferir o nome do morto. As pessoas ficam sujeitas a penas que se igualam às de crimes graves. Costuma-se também trocar nomes - que são uma das identidades sociais mais primordiais - de pessoas vivas e animais que sejam homônimos do falecido. (RODRIGUES, 1969, p.55). Os Maori, de acordo com Rodrigues, acreditam que tudo que toca um morto fica poluído. Os indivíduos destroem tudo que foi do falecido, para não contaminar a sociedade com as ruindades que advém dele. Apenas miseráveis o tocam.

Já os Pigmeus iniciam seus magos usando mortos nos rituais. Os aspirantes tem de ficar deitados sobre um cadáver, com peito e boca colados nos dele, por três dias. Isso ocorre dentro de um fosso. Depois, por mais três dias, o neófito fica em sua cabana, atado ao morto e tendo como alimento as mãos dele. Os Pigmeus revelam um modo exótico e, para nossa cultura, macabro, de lidar com a morte.

A Bahia do século XIX, que herdou com intensidade os traços culturais portugueses e africanos, cultivava a ideia de que era preciso se preparar bem para a morte. Arrumar bem a vida, cuidar dos santos de devoção, fazer sacrifícios a deuses e ancestrais eram parte do ritual. Com o advento da morte, o falecido recebia cuidados minuciosos, que incluíam o corte da barba, do cabelo e unhas. As vigílias reuniam muitas pessoas, ocasião em que se comia e bebia bastante. Reis (2009) diz que toda essa preocupação era para que a passagem do morto a outro plano fosse segura, definitiva e até alegre. Apesar do festejo que se fazia, o autor deixa claro que a maior preocupação dos vivos era, ainda sim, se defender dos mortos. O bom tratamento ao morto servia para que sua alma não ficasse vagando e atormentando a comunidade. Arrisca-se a conclusão de que o festejo era motivado, também, pelo medo.

Outra questão que merece ser discutida é a relação econômica que se tem com a morte. No Egito Antigo, os faraós, pontas da estratificação social, recebiam os melhores tratamentos funerários. Múmias de 3000 a.c, as primeiras já descobertas, eram de

peessoas do alto escalão social. Somente 800 anos depois qualquer indivíduo que pudesse pagar poderia ser mumificado, o que continuaria fazendo com que a prática fosse restrita aos ricos. No nosso país, grande parte dos escravos, último patamar da pirâmide social, foi enterrada como indigente, afirma Reis (2009).

Ainda no Brasil, uma manifestação popular escancarou a jogatina política que havia com relação aos rituais. Trata-se da Cemiterada, evento que aconteceu na Bahia, em 25 de outubro de 1836. Um grupo de irmandades e organizações católicas leigas de Salvador iniciou um protesto coletivo em função da decisão do governador de proibir enterros nas igrejas e ainda havia dado monopólio a proprietários de um cemitério. Eram costume e função das confrarias religiosas de enterrar seus membros nas próprias igrejas, daí a insatisfação. Vários civis, que também tinha seus interesses prejudicados, também se uniram aos religiosos. De acordo com Reis, a sede da empresa funerária teria sido apedrejada (2009, p. 15).

Alguns cemitérios atuais ainda são palcos onde a estratificação social é colocada sob foco. Ainda no século passado, túmulos pomposos eram construídos para os endinheirados. Quem podia pagar, tinha até capela em seu jazigo, de tamanhos diversos. Quem passa pela Avenida Independência, em Goiânia, pode conferir por trás do muro baixo, a diversidade arquitetônica dos túmulos do Cemitério Nossa Senhora de Santana, construído em 1939, em *art déco* (Ver anexo L).

Sobre essas arquiteturas típicas dos jazigos do século XX, que tinham até capelinhas, Maria Elizia Borges estudou um a arte de um cemitério de Ribeirão Preto e relatou que (2008):

Os “pequenos altares” podem apresentar vários tipos de acabamento: pintura caiada (original), pintura à base de tinta látex, pintura a óleo, revestidos de papel de parede, de pano, de azulejos decorados ou de cor única, conforme o gosto e as condições econômicas do proprietário. Estes revestimentos são sempre claros e refeitos, principalmente, no período que antecede a data de finados. Possivelmente, muitos dessas tintas e azulejos são sobras de reformas provenientes da construção civil.

A autora, em outro artigo, escreveu que as “primeiras lápides sepulcrais normalmente contêm no epitáfio dizeres sobre a história de vida da pessoa, sua condição social e dados biográficos” (BORGES, 2008, p.2). Essas lápides eram de igrejas seiscentistas e setecentistas brasileiras e foram estudadas por Clarival do Prado

Valladares, no livro *“Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros”* (1972), citado por Borges.

Atualmente, também, dá-se ao cadáver uma boa aparência: boas vestimentas, penteados, gravatas. Coloca-se, nos velórios, o morto como ele costumava estar em vida. Jogam-se flores, coroa-se. Assim como nos rituais de morte, Rodrigues lembra que as flores são adereços escolhidos para vários momentos da vida. É um presente que agrada, inspira. A ideia de morte está ligada, de acordo com as principais religiões ocidentais, à ideia de ressurreição, de continuidade (seja em plano espiritual, seja reencarnando). Fatos que são indícios da necessidade de o homem, em nossa cultura, afastar tudo que se refere à morbidez, ao falecimento. Edgar Morin (1997, p.26) diz que a morte, no vocabulário arcaico, é assimilada à vida, designada por metáforas que remetem a fatos da existência, como viagem, sono eterno, nascimento.

Morin também se dedica a refletir sobre a relação entre a morte e o militarismo. A perda de soldados revela um momento peculiar da relação do homem com a morte e o individualismo que seria inerente ao momento. A perda de um membro da trupe representa a perda de uma parte da sociedade. O militar é a pátria e qualquer perigo ou que o assale, por consequência atinge todo o conjunto social. “O estado de guerra provoca uma mutação geral da consciência da morte” (1997, p.41). Assim, essa situação transforma o pensamento de que nascemos e morremos sozinhos, mesmo sendo um animal que precisa viver em grupo.

Pelo menos no ocidente, a pessoa que perde um ente passa por um processo difícil de readaptação, ela precisa reorganizar a vida. A morte seria culturalmente, então, “uma verdadeira chaga que põe em risco a vida social” (RODRIGUES, 1979, p. 52). A citação de Rodrigues vai ao encontro do que diz Milena Carvalho Bezerra, em seu trabalho “O som do silêncio”, em que fez estudos sobre a sociabilidade e os rituais durante o período de luto. Segundo ela, o comportamento dos enlutados é de autodisciplina e de repressão à espontaneidade. Há um decoro, expressão facial e gestual típicos, resultantes da dificuldade em lidar com a perda. O indivíduo sente incômodo com a aproximação de outrem. Ao contrário do momento de guerra citado por Morin, em que se lamenta a perda em conjunto, na sociedade civil, chora-se sozinho (ou apenas com os mais próximos). Essa introspecção acaba elucidando um processo de individualização do sofrimento e o surgimento do chamado “homem melancólico”.

José de Souza Martins apresenta o livro “A morte e os mortos na sociedade brasileira” (1983) dizendo que o tema da morte é interditado e banido das regiões “mais cultas e desenvolvidas” da nossa sociedade. Ele explicita que somente nas regiões tidas como atrasadas, nas favelas, ou entre caboclos e indígenas existem rebeldes cultos funerários com ideias de morte que opõem à branca e “civilizada”:

São concepções de morte que encerram outras concepções da vida. Ali, a morte invade a vida. Para um negro do candomblé, a vida é um momento da perenidade que é a morte. Enquanto nas grandes cidades a classe empresarializa a morte e procura livrar-se rapidamente do moribundo e do morto, o índio Tapirapé não concebe o morto senão dentro de casa, sepultado no mesmo lugar em que tinha a sua rede (1983, p.9).

Para ele, a “concepção da morte revela a concepção da vida” (1983, p.9). Estaríamos vivendo uma fase em que não há sentidos definidos para a vida e o resultado disso está no modo como lidamos com enfermo e, posteriormente, com o morto. Transformou-se a morte e a doença em problemas técnicos, e para isso, criaram-se empresas, hospitais, equipamentos e habilidades mais sofisticadas. Prolonga-se a agonia de um doente, discute-se eutanásia. Fazem-se leis sobre acidente de trabalho. Ao tornar-se capaz de prolongar a vida, o homem acabou perdendo o controle sobre ela. Para o autor, uma solução para que se equilibre a balança entre a necessidade de se viver mais e melhor e a maneira de tratar a morte seria quebrar o silêncio que se tem perante o assunto, desmistificá-lo.

É neste contexto que chama atenção o discurso da ceifadora no Twitter. Longe de ser uma brincadeira que magoa e ofende, os comentários da @RealMorte criam, de certa forma, um diferente olhar sobre o tema cheio de tabus. O humorista faz piadas que remexem o imaginário cultural brasileiro. O que ele faz é induzir os leitores ao riso com um assunto em que, na maioria dos outros contextos, o senso não permitiria tal comportamento. “Acho hipocrisia desligar aparelho de ar condicionado e deixar ligado um de HEMODIÁLISE. Tá todo mundo no mesmo planeta ou não tá?”, postou no dia 26 de março, dia em que aconteceu a última Hora do Planeta. Desligar a máquina de hemodiálise poderia ser fatal para os pacientes que dela necessitam. Seria um ato de covardia, de monstruosidade. Um comentário desses, se fosse proferido por um perfil não-*fake* na rede, por exemplo, seria abominável moral e eticamente. O contexto em que ela se encontra, o contrato cognitivo de humor e ficção pré-estabelecido com o leitor e, principalmente, o fato de a Morte não construir a frase de modo a torná-la sinistra, dão êxito à piada.

“Epidemia de verdade, molecada, foi a gripe espanhola. O cara fazia "atchim" e quem dizia ‘saúde’ já era eu”. O comentário faz alusão às constantes epidemias que assolam os humanos. No contexto em que postou esse comentário, a dengue era quem estava fazendo muitas vítimas. Além disso, há um pressuposto de que o leitor se lembra das epidemias de gripes que assolaram o mundo: gripe espanhola, que matou em dias, somente no Brasil, 330 mil pessoas em 1918. O presidente Rodrigues Alves foi uma das vítimas; a gripe aviária, em 2006; e a gripe suína, que assustou o mundo em 2009. Os tweets da Morte apresentam um nível de intelectualidade que surpreende os visitantes de seu perfil. É comum essa exigência de um conhecimento prévio, de uma bagagem cultural ao leitor, para que as piadas sejam melhor compreendidas, mas nada que elitize ou torne erudito o seu texto. A busca por planos de fundo bem diferentes para as piadas, muitas vezes, tragédias que aconteceram há muito tempo ou passagens históricas e bíblicas conferem qualidade à produção. Assim, a narradora reconstitui várias conversas que teria tido com personagens bastante conhecidos pela humanidade.

“Ddettettto tuiittar de terrrremotos” e “Desde Hiroshima e Nagasaki que eu não via tanto japonês junto por aqui. #prontofalei” foram comentários publicados nos dias 12 e 13 de março, respectivamente, no contexto da tragédia que vitimou o Japão. O terremoto, seguido de tsunami, devastou cidades inteiras, colocou a população sob risco, por ter abalado as estruturas de reatores da usina nuclear da cidade de Fukushima, que acabou liberando material radioativo.

Veio à tona, também, outro acontecimento que abalou o Japão, qual seja o desfecho da Segunda Guerra Mundial, em que o país foi alvo de bombas atômicas que causaram incalculável destruição. Apesar de o episódio ser uma das feridas ainda não cicatrizadas da humanidade, a frase não ofende. A hashtag representa papel importante para o efeito humorístico. A expressão “pronto falei” ou ainda “prontofalei”, como é grafada, é uma gíria jovem atual, que se disseminou nas redes sociais. Serve como um desabafo e, geralmente, é acrescentada em comentários leves, em interações entre amigos. Outro costume é usá-la como quebra da rispidez com que se “reclama” na internet. A morte não modifica essas características da gíria e ela contamina positivamente o tweet. Já no primeiro comentário, um joguete linguístico é responsável pelo humor: a onomatopeia que a twitteira criou. A multiplicação das letras, dando efeito do tremor causado pelo abalo sísmico, é uma estratégia concisa e eficaz de

construção de sentido e comicidade. A técnica fez com que o trabalho se tornasse bastante visual também.

Os noticiários brasileiros dão espaço à morte. As pautas que relacionam morte e violência são tratadas, muitas vezes, sem o mesmo grau de retração que se constata no cotidiano social. As capas de alguns tablóides sensacionalistas, que trazem fotos regadas a sangue e falta de ética, são vendidas aos milhares e a preços baratos. O cidadão que consome esse tipo de informação é motivado pelo efeito catártico que a brutalidade da notícia gera. É um paradoxo evitar a discussão sobre o assunto socialmente, mas, ao mesmo tempo, encontramos a produção jornalística de alguns veículos beirando ao trash e angariando inúmeros leitores. Sobre isso, Rodrigues comentou que:

“De fato, a exaltação da morte nos diários contrasta com a sua silenciosa dissimulação na vida cotidiana, em que é banida das conversas, obscurecida por metáforas e escondida das crianças que podem ver os cadáveres empilhados nas telas de cinema e televisão [...]” (p 49)

O humorista não faz esse tipo de exaltação, mesmo quando cita notícias de jornais para tecer seu comentário.. Ele traz uma caveirinha muito mais humana que aparenta. “Isso, animal, construa uma usina atômica... Isso, animal, escolha um terreno propenso a terremotos... depois o vilão SOU EU”. O tweet, publicado do dia 16 de março, deixa claro o tom crítico usado pela personagem ao tratar de um assunto polêmico mundialmente: a construção de usinas nucleares para o provimento de energia. O alto risco da matriz energética, mais uma vez, ficou claro após a tragédia em solo japonês. Notícias chegaram a comparar os níveis de vazamento atuais com os da explosão da usina de Chernobil, na Ucrânia, em 26 de abril 1986, considerado o maior desastre nuclear da história. (Ver anexo M).

Pode ser abstraída dos tweets a preferência pela fatalidade (quando acontecem tragédias naturais, ou frutos da falta de infra-estrutura adequada para suportar fenômenos naturais, que, inclusive, é uma vantagem para o autor, na medida em que ele solta comentários mais irônicos), a morte por doenças ou mortes naturais. Um assunto violento, com alto grau de desumanidade - a exemplo da chacina que ocorreu na escola de Realengo no Rio de Janeiro, no dia 7 de abril, em que um ex-aluno entrou em uma escola municipal e atirou aleatoriamente, matando 13 pessoas e ferindo várias outras - a Morte se absteve de comentar.

Por mais que as postagens de abril não estivessem no rol separado para análise, é interessante mostrar o cuidado que o publicitário tem ao escrever. A tragédia, que tem sido apontada pela mídia como resultado de bullying sofrido na infância do atirador, é um bom exemplo para ilustrar o processo seletivo de fatos que o autor faz. É uma hipótese plausível a sua preferência pela abstenção em casos como esse. Ele contou, por email, sobre a tensão em usar a dor do outro para fazer piadas, pelo fato de ser difícil não parecer desrespeitoso. “É mais fácil brincar com os vivos”, disse. Daí, os cutucões aos famosos como Oscar Niemeyer, Hebe Camargo e Sílvio Santos. “Um ‘Por toda a minha vida’ do Niemeyer teria que ser uma minissérie”, aproveitou a hora da exibição do programa da Rede Globo que presta homenagens a grandes personalidades da música brasileira.

Fatos históricos também fazem parte do repertório da Morte. Guerras Mundiais, por exemplo, são sinônimos de muito trabalho para a dona da foice. “Tenho muita vontade de comprar uma túnica nova do Ermenegildo Zegna, mas preciso trampar numas cinco guerras mundiais pra conseguir”. Nessa postagem, a Morte até cita a jamais cicatrizada Guerra Mundial mais uma vez, mas sem referir à dor, ao sofrimento. Ela se torna um mero campo de trabalho da Morte. As lembranças reais que fazem parte do campo semântico do contexto “guerra” nem precisam ser trazidas à tona para compreensão da piada. O leitor usa somente a consciência de que, em uma guerra, milhares de pessoas morrem, o que aumentaria a quantidade de trabalho da Morte. O comentário mostra, mais uma vez, o espírito jovial e humano da personagem, presentes no vocabulário e no desejo consumista. A Morte cita tragédias que causaram dor, destruição, mas escreve cuidadosamente, de maneira a divertir sem ferir. O que faz está longe do humor grotesco, ou infantil, ou inconsequente.

8.2 Outras obras

Outro exemplo de autor que apresenta um personagem aos moldes da @RealMorte é Tim Burton. Apesar de não ter sido referência direta ao paulistano para a montagem da sua personagem, o cineasta americano tem apreço visível às temáticas sombrias. Em “A noiva cadáver” (no original, *Corpse Bride*), animação de 2005, um rapaz se casa por engano com uma noiva que já está morta. A saga ganha corpo quando o rapaz conhece o incrível mundo dos mortos. Apesar de abusar da técnica de luz e

sombra, para criar o efeito soturno de um vilarejo inglês da era vitoriana, em que se passa a história, o gênero que predomina no filme é a comédia. A Emily (Ver anexo T), a noivinha, consegue ser extremamente carismática aos olhos do público, mas possui aparência física longe do normal. É uma defunta que possui um verme falante e irônico que mora em sua cabeça. O público vê no *stop motion*, caveiras, jazigos, escuridão, vermes, morbidez, aves de rapina e aranhas com vários olhos e, ainda sim se simpatiza com os personagens. O ambiente retratado no desenho possui elementos que poderiam ser apropriados por um filme de terror. O propósito de utilizar esse conjunto, tornando carismático o tipo de personagem e seu mundo, que comumente seriam vilões, é que faz a diferença para as sensações despertadas no espectador. O A ficha técnica do filme conta com Johnny Depp, Helena Bonham Carter (esposa de Burton) e Emily Watson. Já a direção, Tim Burton divide com Mike Johnson.

A Morte, enquanto personagem alegórica, ganhou versões em alguns episódios da programação televisiva recente. O ator Marco Nanini, que representa o patriarca Lineu, série “A Grande Família”, da Rede Globo. Ele entrou no figurino de Dona Morte para contracenar com Pedro Cardoso, cujo personagem é o Agostinho, genro de Lineu. No episódio, Agostinho tem alucinações após bater a cabeça e, durante a ocorrência, fica de cara com a Morte.

A curiosidade do episódio que interessa a este trabalho está na reação de Agostinho. O malandro decide encarar a Morte e a desafia a disputar uma partida de sinuca no conhecido bar do Beíçola, interpretado por Marcos Oliveira. A Morte representada por Marco Nanini assemelha-se à @RealMorte quanto à credibilidade que tem perante o personagem coadjuvante. O tom desafiador presente nos diálogos, que mostra que ela não é temida. Pelo contrário, chega a ser zombada.

Em outro programa global, o “Junto e Misturado”, o ator e humorista Bruno Mazzeo deu corpo e voz à ceifadora. A Morte interpretada por Mazzeo aparece na trama quando uma das personagens, feita por Fábio Porchat, está sentado à mesa de um bar e pergunta aos amigos o que poderia ser pior que falhar com a namorada na hora H.

Ambas as personagens das séries da Rede Globo tem a mesma feição que a @RealMorte e, consequentemente, o Grim Reaper, do Monty Python. Capuz, capa preta

e foice marcam o figurino. O Bruno Mazzeo e o Marco Nanini, ainda, gravaram com o rosto maquiado de branco, com sombra preta nos olhos, para terem aparência esquelética.

As personagens, apesar de serem cômicas e quebrarem os paradigmas relacionados ao terror, à invencibilidade, ao medo, não são perenes como a twitteira. Aparecem em ocasiões isoladas dentro das programações e, ademais, tem suas existências condicionadas às de outras personagens. Elas acabam não sendo o foco da cena ou da trama. A relevância da personagem da internet está na densidade e na independência de sua existência, que chama atenção. Rendeu o reconhecimento, por exemplo, do jornalista Luiz Nassif, que a homenageou em seu blog (Ver anexo N).

8.3 “Sobre una tumba, una rumba”: O Dia de Finados para os mexicanos

Enquanto os brasileiros vão aos cemitérios para fazerem suas orações e lamentar a perda de parentes e amigos, os mexicanos possuem uma forma inusitada de vivenciar o Dia de Finados, 02 de novembro. O México comemora festivamente a data, que seria a ocasião em que os mortos teriam permissão divina para visitar seus parentes. A “recepção”, portanto, é regada à alegria, vários tipos de comidas e bebidas. O Dia dos Mortos (Ver anexo O), considerado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como Patrimônio da Humanidade em 2003, é uma tradição que antecede à chegada dos espanhóis à América Central. Maias, astecas, purépechas, náuatles, totonacas já praticavam esse culto.

O festival que se tornou o Dia dos Mortos era comemorado no nono mês do calendário solar asteca, por volta do início de agosto, e era celebrado por um mês completo. As festividades eram presididas pela deusa Mictecacíhuatl, conhecida como a “Dama da Morte” (do espanhol: *Dama de la Muerte*) - atualmente relacionada à La Catrina, personagem de José Guadalupe Posada - e esposa de Mictlantecutli, senhor do reino dos mortos (Wikipedia)

Regada a muitos doces, a comemoração já consagrou algumas guloseimas ganham formas de caveirinhas, ossos e nomes insólitos, como é o caso do “pan de muerto” (pão de morto). Os sepulcros, por sua vez, são visitados e decorados com flores diversas: rosas, girassóis e, principalmente, margaridas. Nas palavras da professora Maria Tereza Toribio, o evento representa “uma identidade transcendental que ultrapassa os limites da vida e atinge os níveis simbólicos da morte”. Ela explica, ainda,

que as festividades tinham poder de unir povos de áreas descontínuas e de diversos dialetos, como os tzoltziles e tzaltales, náhuatl e otomies entre outros.

Os mexicanos iniciam a festa em 1º de novembro – “dia dos anjinhos”, por acreditarem que as almas das crianças visitam os parentes neste dia. Já no dia 02, seria a vez dos entes adultos fazerem o mesmo. Às crianças, são deixados brinquedos e doces como oferenda. Aos adultos, um ingrediente principal do rito são as bebidas alcoólicas, como tequila, pulque, mezcal ou atole. A oferta é deixada ao lado de uma fotografia do defunto, com objetos dos quais ele gostava e velas acesas ao redor. Há, também, apresentação com dançarinos mascarados.

Nos moldes atuais, a festa é resultado da fusão das culturas tradicionais, indígenas, com a cultura hispânica, que trouxe o catolicismo para a então colônia. Ao se depararem com os rituais dos nativos, os espanhóis, ainda no século XVI fizeram com que a festividade coincidissem com as datas católicas do Dia de Todos os Santos e o Dia dos Fiéis Defuntos. Toribio confere as origens da festa aos ancestrais mexicanos que viviam por volta de 1800 a.C (200-,p.4)

Por toda parte do mundo, os povos dedicam pelo menos um do ano à lembrança dos que já se foram. Os Estados Unidos, onde vive uma considerável comunidade mexicana, tem celebrações bem parecidas com a da terra de origem. Cada país possui peculiaridades em seus rituais, mas conservam a intenção de voltarem suas atividades para restaurarem tumbas, ornarem-nas com flores, pensar nos parentes falecidos. O México, no entanto, chama atenção pela alegria, ingrediente que não faz parte maioria das outras homenagens.

Além da festa anual, a comunidade mexicana é conterrânea de José Guadalupe Posada, cartunista e gravurista, que viveu de 1852 a 1913. O artista ficou conhecido por seus desenhos ligados à morte, geralmente, protagonizado por caveiras em situações comuns da vida humana. Foi articulador político, trabalhou e fundou periódicos, cujo público alvo eram trabalhadores. O forte de Posada era a crítica explícita à injustiça e desigualdade sociais, à moralidade e leviandade de alguns aspectos da vida da alta classe mexicana. Retratava personalidades como caveiras, já que, para ele, a morte era democrática. Foi considerado por Diogo Rivera, artista cuja obra sofreu influência de

Posada, um verdadeiro artista popular. *La Catrina* (Ver anexo P) e *Don Quijote* (Ver anexo Q) são dois dos seus principais trabalhos. A primeira satiriza a classe alta da sociedade. A imagem representa uma senhorita bem vestida, aos moldes mais modernos e chiques à época. A segunda obra mostra o famoso personagem Don Quixote galopando.

9. Considerações Finais

A narrativa consegue se reformular e se adequar ao suporte novo em que é produzida, mas avança significativamente em relação à narrativa tradicional. Os cuidados que o autor tem para manter a linguagem descontraída e irônica que utiliza, a interação constante com determinados personagens – que exercem ações que afetam a protagonista - e a coerência do conteúdo que veicula ajudaram a angariar mais de 102 mil seguidores até junho de 2011. Informações reiteradas acerca do trabalho, da rotina da personagem permitem que o leitor possa descrever a Morte, com características bem definidas.

A falta de linearidade faz com que o texto assuma forma inovadora, quase experimental. A tessitura da arte em questão resulta do trajeto vertical que as postagens sucessivas de tweets fazem. Elas condensam um cenário diegético, ou seja, mundo fictício da estória. As personagens e suas ações realizam-se no campo da vida, onde a morte deambula e se abastece sempre. O que se pretende com o tweet não é contar uma estória com princípio, meio e final claramente traçados. É construir uma narrativa inconclusa, eternamente à espera de um porvir. Com isso, segue provocando seu humor brando, irônico, satírico e transformando a descrição em narração.

O humorista busca o real para sustentar suas crenças e atitudes. Até mesmo no nome. Uma curiosidade do Twitter é a junção da palavra “real” com o nome ou apelido na hora de criar a conta. Os famosos, alvos de falsificações de perfis, costumam fazer isso. E até a Morte tem fakes, por isso a necessidade afirmar que o seu perfil é o verdadeiro.

A narrativa aqui analisada é híbrida, de acordo com o que ensina Motta (2005, p.25), já que a Morte ancora muitos de seus fatos no real. Verossimilhança é o recurso que legitima e dá credibilidade ao que a narradora conta. Como a estória tem traços fortes de autobiografia, contada em primeira pessoa, é natural que a narradora tente preservar a lógica, por mais que, como foi apresentado no trabalho, há constante mistura entre realidade e fantasia no texto. Não há realidade suficiente para que seja uma narrativa factual, nem somente fantasia para que se limite à narrativa imaginária. O hibridismo do perfil @RealMorte no Twitter serve a sua intenção de fazer humor. Dá

mais crédito à piada, ao mesmo tempo que elas são carregadas de ludismo. Gera identificação por parte do leitor, transformando-o de visitante para seguidor da página.

Quem acompanha a @RealMorte assina um contrato cognitivo humorístico, já pré-estabelecido quando vê a “Bio” do perfil, espaço em perfis nas redes sociais destinado à apresentação e identificação do usuário. Na bio da @RealMorte está escrito “Quem me conhece bem nunca fala mal de mim. Na verdade quem me conhece bem não fala mais nada.” O humor é o estado de ânimo ao qual se quer chegar.

Em certos momentos, houve receio em superdimensionar o trabalho do humorista, com relação à recriação do olhar sobre a morte, já que não se pode comparar o comportamento de uma pessoa diante uma morte real e em seu momento de lazer, dedicados a se entreter com as redes sociais. Nessa ocasião, o leitor está mesmo descompromissado, aberto a esse contrato cognitivo que é o do riso. Em uma vivência e perda, o estado de espírito é completamente diferente.

Entendeu-se, entretanto, que os processos de mudanças culturais são lentos e graduais. Cada indivíduo passa por ele no seu tempo e de acordo com o acúmulo de experiências vivenciadas. Como diz o cantor e compositor Arnaldo Antunes, “a morrer, ninguém é ensinado, mas todos morrerão”. Não nos preparamos para assimilar melhor os significados e desdobramentos relativos a essa certeza que temos em nossa existência. O bombardeamento de modos de pensar diferentes dos padrões é positivo e dá sua contribuição ao processo de mudança. A internet se tornou um excelente meio para quebrar o conservadorismo social e os artistas, autores e entusiastas tem aproveitado o espaço. O portal do “O Dia”, em matéria comemorativa dos cinco anos de Twitter, veiculada em março de 2011, selecionou algumas respostas dadas por twitteiros famosos na rede, sobre a influência do Twitter em suas vidas. O humorista da @RealMorte teria dito: “O Twitter mudou a minha forma de ver a vida quando mudei a minha forma de ver a morte”. Ele apresenta o conjunto de palavras cujas semânticas reviram o peso, o medo, a negação da morte, tratando-a com leveza, tranquilidade, humor.

A Morte não é uma heroína, nem vilã. Não tem poderes especiais ou miraculosos. Isso mostra que ela se esforça, que tem que cumprir horário, não é rica. O apreço por festas, vocabulário despojado, tecnologia e a atenção que dá à programação

cultural deixam clara a juventude da narradora-personagem. Esses fatores a aproxima da figura humana, sobretudo, a tornando um verdadeiro arquétipo do brasileiro médio atual e reforçando a nossa memória social. (HALBACHS, 1950). Ela se inspira nos costumes, sentidos comuns e ditados populares, fatores já previamente conhecidos pela sociedade.

De acordo com Motta (2005, p.8), os próprios significados da narrativa são resultados de uma identificação virtual que o leitor estabelece com a obra. Eles relacionam a narrativa com suas próprias histórias de vida e o resultado dessa interação é um efeito catártico (como lembra Motta, termo aristotélico referente a êxtase, purgação na qual os espectadores se encontravam após apreciar as tragédias). Como diz Ricoeur, também citado por Motta, o leitor tende a compreender-se diante da obra, no momento da interpretação.

Ainda com palavras de Ricoeur, “o texto, quando não faz ver, faz ler”. Ele seria o mesmo que o espetáculo é para Aristóteles. Os recursos lingüísticos do perfil da Morte no Twitter, mesmo que não fossem complementados pelo suporte imagético, possivelmente dariam conta da intenção do autor. A diversidade de formas de contar, reclamar, lembrar e apontar usadas pela Morte torna o texto rico e forte o suficiente para ser lembrado em ocasiões extra Twitter. A contraproposta feita a vários tipos de cânones sociais e, por fim, a habilidade demonstrada ao interagir diretamente com o leitor também contribuem para a eficácia do processo de comunicação.

Em prol da narratologia e da sociedade, o perfil faz com que as pessoas que o seguem leiam jornais para se inteirar dos acontecimentos e acabem, também, prestigiando outras formas de linguagem, como a jornalística e a publicitária. Índices e signos já comuns na mídia são aproveitados para aproximar a personagem dos seguidores. A distorção do original, ou seja, a paródia, quebra expectativas e entretém. Jornalismo, literatura, música, arte visual são parte da mistura colorida e multiforme que é o perfil.

O uso da ambiguidade e o aproveitamento de palavras polissêmicas abrem o leque de possibilidades de interpretação do texto. O leitor, quando entra na página da @RealMorte, já descarta as interpretações sérias e busca sorriso como produto final

dessa empreitada. Só entende a piada, porém, quem conhece o contexto em que ela foi postada. Os principais jornais acabam, portanto, pautando o publicitário. Quanto à fantasia existente no discurso, é, no mínimo, uma grande aventura.

Referências Bibliográficas

- APPOLINÁRIO, Fábio. Metodologia da Ciência: Filosofia e Prática da Pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- ARISTÓLES Arte Poética. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BARTHES, Roland e outros: Análise estrutural das narrativas, Petrópolis: Vozes, 1971.
- BRAIT, Beth. A personagem, 2º edição São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Iº Ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Italo. Assunto Encerrado – Discursos sobre Literatura e Sociedade. Iº Ed. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
- CÂNDIDO, Antônio et al. A personagem de Ficção, São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- CORREIA, Almir. humor, a sátira, o macarrônico, o estereótipo e outros bichos. Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Anuário de Literatura. Santa Catarina: 1997, p. 189-212.
- FIELD, Syd. Manual do Roteiro: Os fundamentos do texto cinematográfico, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. O som do silêncio: Isolamento e sociabilidade no trabalho de luto. Natal: Editora UFRN, 2006.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. Série Princípios. 7º edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GOODE, William Jones Josiah; HATT, Paul K. Métodos em Pesquisa Social. 3º Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1969.
- MARTINS, José de Souza (org). A morte e os mortos na sociedade brasileira, São Paulo: Editora Hucitec, 1983.
- MORIN, Edgar. O homem e a Morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Narratologia: Teoria e Análise da Narrativa Jornalística, Brasília: Casa das Musas, 2005.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Notícias do Fantástico. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2006.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

PROENÇA FILHO, Domício. Pós-modernismo e Literatura, São Paulo: Editora Ática, 1988.

REIS, Carlos e Ana Cristina M. Lopes. Dicionários de Teoria Narrativa. São Paulo: Editora Ática, 1988.

REIS, João José. A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu do corpo. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1979.

SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é Pós-Moderno. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

TODOROV, Tzevetan. As estruturas narrativas. 2º edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 1970

TREVISAN, Eunice Maria Castegnaro. Leitura: Coerência e Conhecimento Prévio: uma exemplificação com o frame Carnaval. Rio Grande do Sul: Editora UFSM, 1992.

WATT, Ian. A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding; Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOOD, James. Como funciona a ficção. Tradução: Denise Bottmann, São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Artigos:

BORGES, Maria Elizia. Olhar e contraolhar as narrativas da estética popular, da memória e do afeto nas gavetas funerárias no Brasil. FAV/ FCHF - UFG, Goiânia/ Brasil. 2008. Disponível em: http://artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/gavetas%20funerarias_anpap2008.pdf <Acesso em 05 maio.2011>.

BORGES, Maria Elizia. Os Riscadores de Pedra: produtores de uma alegoria funerária cristã. III ABEC, ANPAP/ FAV/ FCHF - UFG, Goiânia/ Brasil. 2008. Disponível em: <http://artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/Riscadores%20de%20pedra%20III%20ABEC2008.pdf> <Acesso em 05 maio.2011>.

CREMONESE, Dejalma. Redes Sociais e Política no Brasil: a utilização do Twitter nas eleições 2010. IV Congresso Latino Americano de Opinião Pública da WAPOR, Belo Horizonte – Brasil Disponível em: http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Dejalma_Cremonese.pdf Acesso em 14 abr. 2010.

LEMONS, Maria Teresa Toribio Brittes. México: Percursos e imaginários – O Dia dos Mortos – Notas Introdutórias. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ehosudeste/templates/htm/viiincontro/textosIntegra/MariaTeresaToribioBrittesLemos.pdf> <Acesso em 18 maio.2011>.

MACOLO, Nina Bueno. O humor em 140 caracteres: Uma análise do Twitter sob a Teoria das Implicaturas. In: XI Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 09 a 12 de agosto de 2010. Disponível em <<http://www.edipucrs.com.br/XISalaoIC/Linguistica/Linguistica/83683-NINABUENOMASCOLO.pdf>> <Acesso em: 12 jan.2011>.

MORESI, Eduardo (org.). Metodologia da Pesquisa. Universidade Católica de Brasília – UCB. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Disponível em :<http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf> <Acesso em: 04 jun.2011>

Filme:

A Noiva Cadáver (Corpse Bride). Mike Johnson e Tim Burton. Estados Unidos/Reino Unido: Warner Bros, 2005. Dvd-Rip (75 min). Cor. 700Mb. Animação, comédia. Original em Inglês; Legenda Português.

Sítios:

www.diariodafoice.com.br

www.twitter.com/RealMorte

www.twitter.com/ONiemeyer

www.twitter.com/OCriador

www.twitter.com/realcapeta

<http://www.tweetrank.com.br/>

<http://artefunerariabrasil.com.br/>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_\(Sandman\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Morte_(Sandman))

CAIXA DO JÚNIOR, Os fakes mais engraçados do Twitter. 23/04/2010. Disponível em: <http://www.caixadojunior.com/2010/04/os-fakes-mais-engracados-do-twitter.html> <Acesso em 15 jun.2011>

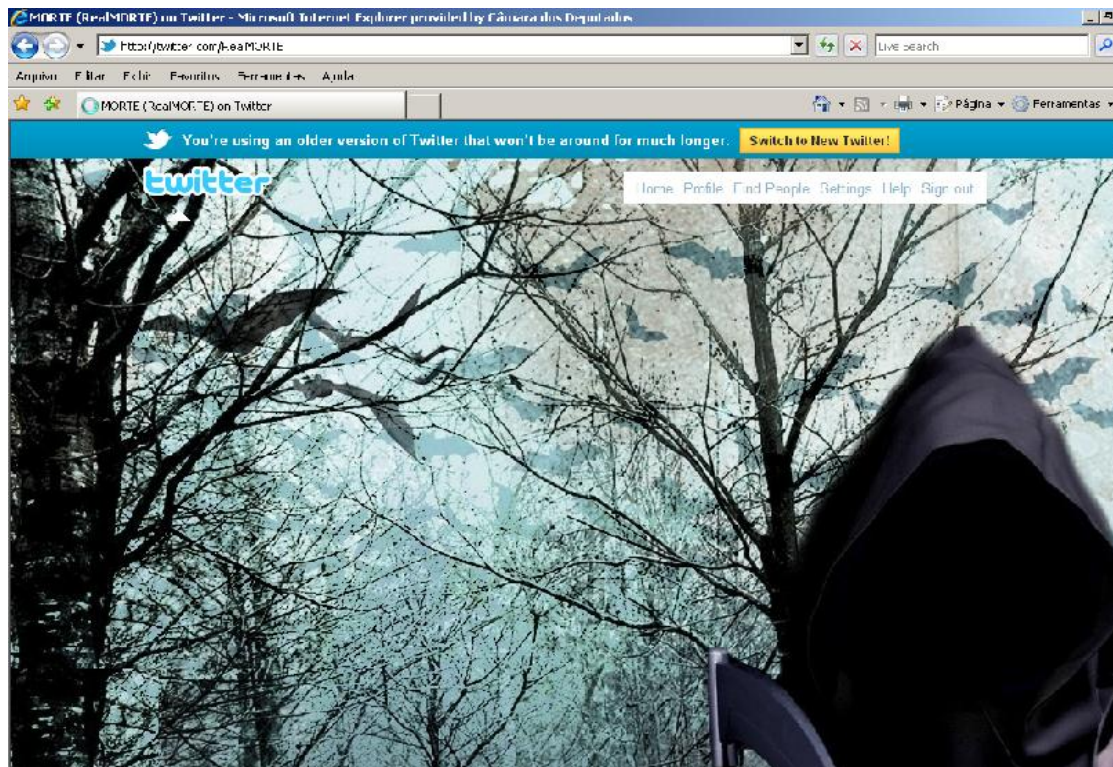
ANARQUIA, Super. Monty Python: O sentido da vida. 24/01/2011 Disponível em: <http://supercine-anarquia.blogspot.com/2011/01/pedido-monty-python-o-sentido-da-vida.html> <Acesso em 02 fev 2011>

ESTADÃO, Rafinha Bastos é o mais influente do Twitter. 25/03/2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,rafinha-bastos-e-o-mais-influente-no-twitter-diz-pesquisa,697194,0.htm> <Acesso em 03 jun.2011>

O DIA, Personalidades da rede e o mundo real celebram os 5 anos do Twitter. 21/03/2011 Disponível em: http://odia.terra.com.br/portal/digital/html/2011/3/personalidades_da_rede_e_do_mundo_real_celebram_os_5_anos_do_twitter_151760.html <Acesso em 04 jun.2011>

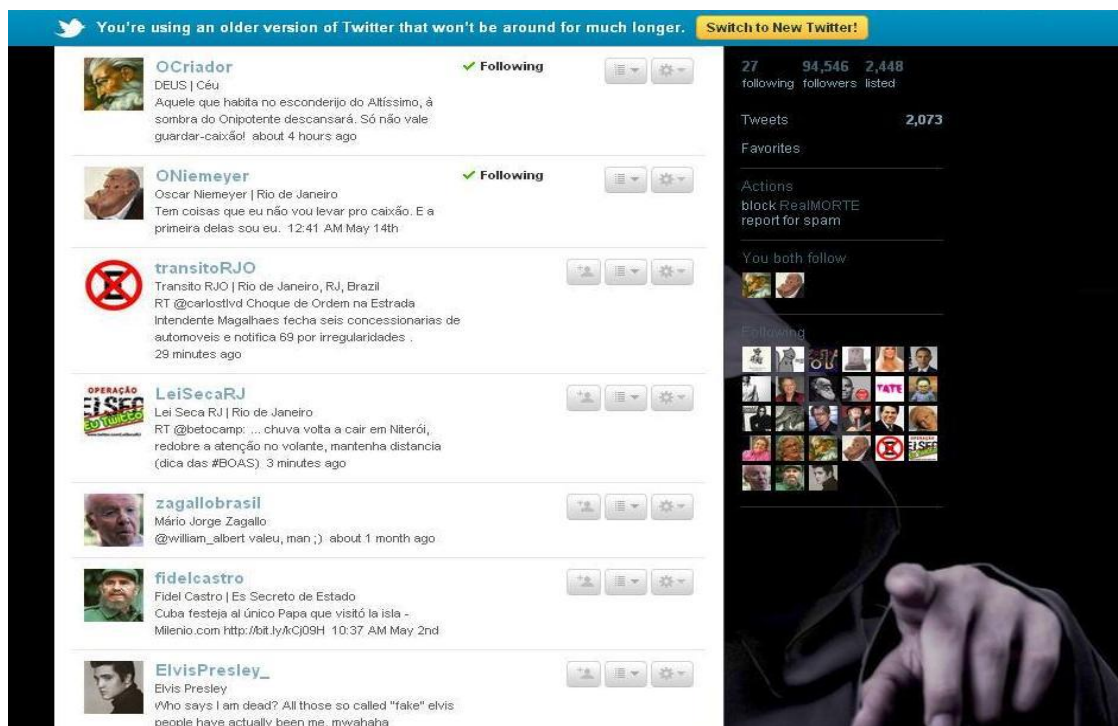
Anexos

A- Background do perfil @RealMorte no Twitter



Fonte: Twitter

B- Alguns perfis que a Morte segue



Fonte: Twitter

C- Página da Morte

RealMORTE

Following

Also followed by @rmassela, @ittyrocha, @jercop, and 10+ others

Eu acho que o Marrone deveria cantar menos e pilotar mais helicópteros.

about 3 hours ago via Nambu

Pra mim estado de coma é só ensebação.

about 3 hours ago via Nambu

Sim, "Joãosinho Trinta" e não "Joãozinho", gente. Quem tem preguiça de ir ao Google merece a minha visita!

about 3 hours ago via Nambu

Putz, vi a letra "J" e "Maranhão" e fui na fé. É o que dá sair com pressa de casa. @G1 Joãosinho 30 é internado no Maranhão.

about 3 hours ago via Nambu

O que mais me incomoda no Joãosinho Trinta é que ele passou dos.

about 3 hours ago via Nambu

Difícil tuitar daqui da Líbia. O trabalho não pára um minuto.

about 23 hours ago via Nambu

Name MORTE
Location Não olhe pra trás agora...
Web http://diariodafo...
Bio Quem me conhece bem nunca fala mal de mim. Na verdade quem me conhece bem não fala mais nada.

27 following 94,545 followers 2,448 listed

Tweets 2,073

Favorites

Actions
block RealMORTE
report for spam

You both follow

Following

More like RealMORTE

YouTube

Fonte: Twitter

D- Flyer da festa de aniversário da Morte, postado no Twitpic

twitpic

Click here to login or create an account > Sign in with Twitter

CHA DA FOICE a Festa

Terça-Feira, 02 de Novembro 2010
Abertura dos Portões: 22h

ingresso.com

DJs Inferna Sabotage

Claudinho (sem Buckicha)

DJ ANIVERSARIANTE: MORTE

Rua General Pinochet 232 - Quinto Circulo - Inferno - VALE UM DRINK NA APRESENTAÇÃO DESTA

Posted on October 31, 2010 by RealMORTE

És nosso visitante 1.000.000 - Não é piada!

On-line em 12.11.2010 às 13:22:55

Foi seleccionado por: 8 segundos

Nosso sistema aleatório acaba de o escolher como o possível VENCEDOR EXCLUSIVO. Premio principal: MINI

>> Clique aqui <<

More photos by RealMORTE

34 Comments

1 2 Next

RealRodrigoMelo 9 days ago

Acho q vou comemorar com @ONiemeyer... mas o Michael Jackson vai?

Share this photo

Fonte: Twitpic

E- Camiseta da campanha “Terra 2012”



Fonte: Twitter

F- Charge sobre a morte do povo Paul



Fonte: Twitter - “Alarme falso! Esse Paul é outro!” - Em referência à morte do polvo Paul, conhecido por adivinhar resultados dos jogos de futebol na Copa do Mundo de 2010

G- Morte é “flagrada” em local de trabalho



Fonte: Twitpic-Montagem publicada no Twitpic

H- Campanha publicitária da qual teria participado

Ficar cara a cara com a Morte nunca foi tão divertido!

Conheça o FOICETIME, o aplicativo que faltava em seu Iphone. Com ele você pode chamar a Morte por telefone, SMS, Skype ou por qualquer rede social de sua preferência como Facebook e Twitter. Um canal direto com o celular implacável 24 horas por dia, 7 dias por semana. Tudo isso por apenas US\$ 0,90. Baixe em seu aparelho e quem sabe você acabe baixando em outro lugar hoje mesmo! Compre agora!

MacHeist Available on the iPhone App Store

Fonte: Twitpic- Montagem feita pelo autor da @RealMorte

I- Montagem em referência ao período de ocupação de morros no Rio de Janeiro, no final de 2011



Fonte:Twitpic

J- Morte à espera de Zé Alencar no Hospital SírioLibanês



Fonte: Twitpic

K- Morte e os paparazzi



Fonte: Twitpic-Notícia fake montada pelo humorista usando o site da globo.com

L- Cemitério Santana, de Goiânia-GO



Fonte: <http://artefunerariabrasil.com.br/>

M- Tragédia no Japão

[AA](#)
[Maior](#)
[Menor](#)
[Enviar por e-mail](#)
[Comunicar erros](#)
[Link](#)
<http://www.folha.com>
[t](#)
[f](#)
[o](#)
[s](#)
[+](#)

11/04/2011 - 23h32

Crise nuclear no Japão chegou ao nível máximo mundial, admite o governo

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

[Recomendar](#)
701 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Atualizado em 12/04/2011 às 05h00.

Um mês após o tremor seguido de tsunami que devastou a região nordeste do Japão e deu início à crise nuclear na usina de Fukushima, o governo elevou a gravidade do desastre de 5 para 7 na escala INES, colocando o acidente no mesmo nível de Tchernobil, na Ucrânia, considerado até então o maior desastre do gênero no mundo.

As medidas disponíveis da radioatividade que escapou da central de Fukushima "mostram níveis equivalentes ao grau 7", o máximo na escala de eventos nucleares e radiológicos, confirmou a Agência de Segurança Nuclear japonesa em entrevista coletiva na manhã de terça-feira no horário local (noite desta segunda-feira em Brasília).

"Em termos de volume de emissões radioativas, estimamos que equivalem a cerca de 10% do registrado em Tchernobil", destacou a agência.

O porta-voz da Agência de Segurança Nuclear, Hidehiko Nishiyama, disse que, ao contrário de Tchernobil, em Fukushima o nível de radiação, apesar de ser alto, permite que os operários trabalhem nas instalações para estabilizar as quatro unidades mais danificadas.

Vamos continuar observando a situação. Este é um nível provisório", informou a agência, destacando que o grau definitivo do acidente em Fukushima será definido posteriormente por um comitê internacional de especialistas.

Segundo informações da agência Kyodo, uma fonte de dentro da Tokyo Electric Power Company (Tepco), a operadora da usina nuclear de Fukushima, indicou nesta terça-feira que a empresa teme que os vazamentos de materiais radioativos na central igualem ou superem no futuro os ocorridos em 1986 em Tchernobil.

"O vazamento de radiação não foi completamente controlado e nossa preocupação é que a quantidade possa a longo prazo alcançar ou superar a de Chernobyl", indicou a fonte.

PUBLICIDADE

Vendas Brasil: 0800 11 2274

SOLEROL

Acompanhe a Folha.com no Twitter

Folha de S. Paulo no Facebook

[Curtir](#) Você curte isto.

234,198 pessoas curtiram **Folha de S. Paulo**.

Isabela Bruno Lúcia Gustavo Pedro

Plugin social do Facebook

as últimas que você não leu

- Franceses lembram Tchernobil e protestam contra energia nuclear
- Filho de Gaddafi diz que ataques da Otan não assustam Líbia
- Elton John está entre convidados do casamento real; veja lista
- Erramos: Conheça os convidados do casamento real; 1900 estão na lista
- Medvedev diz que maior lição de Fukushima é dizer a verdade
- Londres está dividida com casamento real; ouça correspondente
- Família real justifica falta de convites para Brown e Blair
- William e Kate incluem doações beneficentes em lista de presentes
- Voo do Endeavour pode ser eclipsado por casamento de príncipe
- Brasil é 3º país onde mais se crê em Deus, aponta pesquisa

PUBLICIDADE

Fonte: Site Folha de S. Paulo - Sobre acidente nuclear no Japão, em 2011. Data: 11/abril de 2011.

N- Nassif comenta sobre a Morte

Luis Nassif Online

Posts recentes | Vídeos do Blog

Zombando da morte

Enviado por luisnassif, ter, 11/01/2011 - 11:00

Por Marco St.

Bom, já que houve vários posts sobre morte, suicídio, depressão e etc nos últimos dias aqui no blog, resolvi trazer a versão mais bem humorada da própria "Morte" (em pessoa). Para quem ainda não a conhece (por enquanto, né?...), a mesma é dona do twitter @realmorte e do blog "Diário da Foice". Diversão garantida!!

Algumas tuitadas recentes da "Morte":

Sim, o número de suicídios dobra no domingo à noite. Portanto evitem o horário de pico e deixem pra segunda de manhã. Grato.

le="margin-top: 0.5em; margin-bottom: 0.9em;">Ok, agora além de matar vou ter que capar também... @G1 "Mulher engravida de marido morto".

A ABL é academia de ginástica pra mim. Eu tiro um de uma cadeira e quando olho pra trás já tem outro sentando. UFA!

Desculpe informar, mas acabei de empacotar um periquito, só não lembro de quem. Vai lá dar uma olhada no seu.

Tô tão de saco cheio do Zé Alencar que não quero vê-lo nem morto.

Brincadeiras à parte, parabéns à Hebe. Ao contrário de certos ARQUITETOS, pelo menos ela admite que a gente vai se ver um dia.

Aqui o endereço do blog mortal: <http://diariodafoice.com>

Especialista em remoção e transferência de almas para o além, Morte aprecia o contato humano, desde que seja marcante e único. Está empenhado em um grande projeto internacional para 2012, sobre o qual não pode revelar detalhes agora. Diz apenas que quem viver verá. Mas que se fosse vocês não contaria com isso...



Luis Nassif

Introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. Vencedor do Prêmio de Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita do site Comuniquê-se em 2003, 2005 e 2008, em eleição direta da categoria. Prêmio iBest de Melhor Blog de Política, em eleição popular e da Academia iBest. Para enviar emails a Luís Nassif [clique aqui](#).

Confira os seminários
e participe!

Brasilianas.org

Fonte: Blog do jornalista Luiz Nassif, em referência ao perfil do Twitter (<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/zombando-da-morte>)

O- Altar da Festa do Dia dos Mortos no México



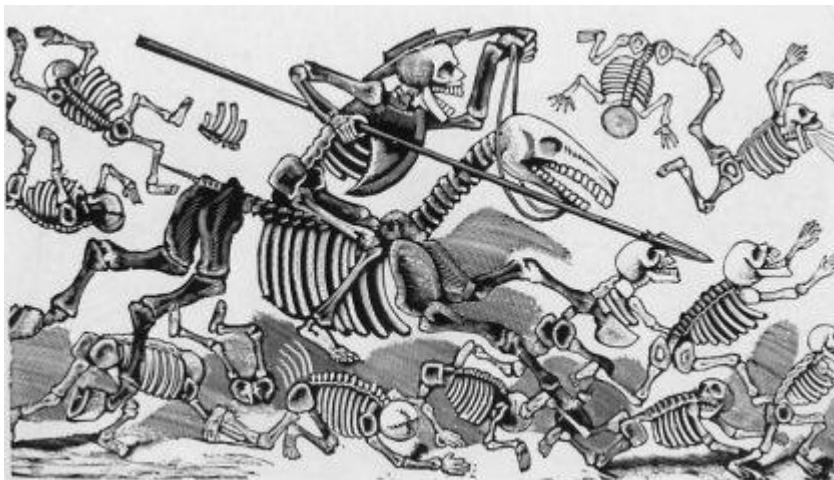
Fonte: Google Imagens - Finados mexicano

P- La Catrina: Obra do artista mexicano José Guadalupe Posada



Fonte: Google Imagens

Q- Don Quijote: Obra de José de Guadalupe Posada



Fonte: Google Imagens

R- Charge sobre tragédia no Japão

A DIFÍCIL ARTE DE FAZER PIADA:
QUEM VAI RIR DE UMA SITUAÇÃO DESSAS?



Fonte: Twitpic

S- Morte leva Getúlio Vargas

“Quando o cara começa a demorar demais na carta de despedida eu chego até a me intrometer antes do momento devido. Foi o caso de um famoso presidente brasileiro.

- Chega, Getúlio, já estamos há cinco horas nisso. Largue essa carta.
- Não antes de eu escrever minha última grande frase.
- Não precisa, tá bom assim.
- Não dá. Eu não vou me matar antes de escrever uma frase final perfeita.
- Haja saco. Onde foi que você parou?
- Nessa frase aqui ó: *“Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço minha morte”*
- Beleza. Tá lindão.
- Tá mesmo?
- Tá. Não escreve mais nada que estraga.
- Jura?
- Juro. Me arrepiei. Agora pegue esse revólver e se mate.
- Não sei, não estou satisfeito ainda. Que tal se eu fechasse a carta com *“serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade”*?
- Melhor ainda!
- Acha mesmo?
- Acho. Agora SE MATE!
- Não, ainda não. Ainda tenho a impressão de que não é a frase ideal...
- Mas que merda de frase você quer escrever?
- Uma que valha a pena. Meu medo é abandonar a vida e ninguém se lembrar, não ficar na história.
- Então escreva isso.
- O quê?
- Que você sai da vida para entrar na história.
- Será? Mas não soa um pouco piegas?
- Soa como brega mesmo. Mas morto todo mundo perdoa. Pode escrever.
- *“Saio da vida para entrar na história”*. Taí, gostei.
- Ótimo.
- Eu gostei muito.
- Que bom.
- Sério, eu adorei, gostei demais.
- Perfeito.
- Ficou tão bom que me fez repensar o meu ato, me deu até ânimo de continuar vivendo. Acho que não vou me matar mais.
- AH, NÃO, MAS NEM FUDENDO!

Eu peguei o revólver e... bem, o resto vocês já sabem. Até hoje muita gente não entende porque Getúlio Vargas deu um tiro no peito e não na cabeça, mas eu nem preoquei com esse detalhe na hora. Eu precisava botar isso pra fora. Ufa!”

Fonte: www.diariodafoice.com.br Parte de um texto publicado no Blog “Diário da Foice” em 24 abr. 2010

T- A noiva cadáver



Fonte: Google Imagens - Cena do filme “A noiva Cadáver”, de Tim Burton

U- Blog “Diário da Foice”

DIÁRIO DA FOICE
O BLOG DA MORTE

Início

ESTOU TRABALHANDO...
15/03/2011

... para que o blog volte a ser atualizado como antes. Aguardem!

27 comentários | PÁGINAS DA MORTE | Link Permanente
Escrito por MORTE

MORTE

Especialista em remoção e transferência de almas para o além, Morte aprecia o contato humano, desde que seja marcante e único. Está empenhado em um grande projeto internacional para 2012, sobre o qual não pode revelar detalhes agora. Diz apenas que quem viver verá. Mas que se fosse vocês não contaria com isso...

EMAILS PARA
REALMORTE@UOL.COM.BR

PATROCÍNIO

Terra 2012
VOCÊ É PARTE DESTA FESTA!
(mesmo que não queira...)
CLIQUE E SINTA O DRAMA!

Fonte: www.diariodafoice.com